



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
ICED – INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS

EMELA ANDRIA DE SOUSA MOURA

**ROTEIRO DE ACOLHIMENTO AFROCENTRADO NA AFROTECA WILLIVANE
MELLO, SANTARÉM – PARÁ: ORIGEM, SENTIDO E VARIAÇÃO**

Santarém
2024

EMELA ANDRIA DE SOUSA MOURA

**ROTEIRO DE ACOLHIMENTO AFROCENTRADO NA AFROTECA WILLIVANE
MELLO, SANTARÉM – PARÁ: ORIGEM, SENTIDO E VARIAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Letras para obtenção de grau em
Licenciatura em Letras Língua Portuguesa;
Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de
Ciências da Educação

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando de França

**Santarém
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

M929r Moura, Emela Andria de Sousa
 Roteiro de acolhimento afrocentrado na afroteca Willivane Mello, Santarém –
Pará: origem, sentido e variação / Emela Andria de Sousa Moura. – Santarém, 2024.
 63 p.; il.
 Inclui bibliografias.

 Orientação: Luiz Fernando de França.
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pa-
rá, Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Letras – Português e Inglês.

 1. Roteiro de acolhimento. 2. Educação antirracista. 3. Afroteca Willivane Mel-
lo (Santarém, PA). I. França, Luiz Fernando de, *orient.* II. Título.

CDD: 23 ed. 370.115



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
(TCC)**

Aos vinte e quatro dias do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, a partir das dez horas, na cidade de Santarém, Estado do Pará, de forma presencial, na Afroteca Willivane Melo, ocorreu a Sessão Pública de Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) **"Roteiro de acolhimento afrocentrado na Afroteca Willivane Melo, Santarém-PA: origem, sentido e variação"**, de autoria de **Emela Andria de Sousa Moura**, matrícula 201800773, sob a orientação da **Prof. Dr. Luiz Fernando de França**, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A Banca Examinadora foi composta pelo orientador, Presidente desta Banca, pela **Profa. Dra. Terezinha de Jesus Dias Pacheco** e pela **Profa. Mestranda Luane Fróis da Silva**. Após a análise do texto e defesa, o TCC foi (X) aprovado / () reprovado, resultando na nota 10,0.

Recomendações

da

Banca: Revisão geral do texto.

Proclamados os resultados pelo Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos. E, para constar, eu, Prof. Dr. Luiz Fernando de França, lavrei a presente ata que será assinada pela autora do trabalho e pelos membros da banca examinadora.

Santarém-PA, 25 de maio de 2024.

Emela Andria de Sousa Moura
Emela Andria de Sousa Moura
Autora

Luiz Fernando de França
Prof. Dr. Luiz Fernando de França
Orientador

Terezinha de Jesus Dias Pacheco
Profa. Dra. Terezinha de Jesus Dias Pacheco
Examinadora

Luane Fróis da Silva
Profa. Mestranda Luane Fróis da Silva
Examinadora

À todas as crianças, em especial, Pedro e Vitor, meus sobrinhos, com desejos de um futuro em que se possa viver em paz sendo quem é.

AGRADECIMENTOS

“Agradeço a Deus e aos Orixás” (Racionais MC’s em Fórmula Mágica da Paz, 1994) em primeiro lugar.

Agradeço principalmente aos que vieram antes de mim, minha ancestralidade e em especial meus pais, Eunice e Antônio Moura.

Quero deixar registrado minha gratidão as pessoas que fazem a Afroteca acontecer cotidianamente. Destaco o Professor Dr. Luiz Fernando de França, mas, sem dúvida, a minha gratidão suprema à todas as mulheres do Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro amazônica e Quilombola (AFROLIQ), com toda gratidão as meninas que até aqui me ajudaram, seja com informações ou forças: Luane Fróis, Leila Jane Guimaraes, Sarah Beatriz Melém, Lucidalva Ferreira e Bruna Campos.

Um agradecimento aos meus amigos queridos da turma 2018, os unidos Bruna Nascimento, Gabrielle Pereira, Izabela Bandeira e Guilherme Santos.

Adupé!

Sempre resta uma esperança
quando chega uma criança!
Venham crianças, venham brincar!

(Autor desconhecido, Ponto de
Umbanda para as crianças)

RESUMO

Este trabalho tem como fundamento a análise do processo de construção do primeiro Roteiro de Acolhimento afrocentrado na Afroteca Willivane Mello, localizada em Santarém, Pará, bem como a sua variação para atender os diversos públicos que frequentam o local. Visa também construir uma compreensão de como foi planejada a metodologia para o atendimento no espaço, visto que, como tecnologia social inovadora, foi necessário organizar um formato adequado as práticas para educação étnico-racial, baseado em dados da pesquisa do Projeto Kiriku, que compõem as ações do AFROLIQ para pesquisa e educação étnico-racial na Educação Básica. Foi possível identificar que no decorrer processo, a organização do roteiro de forma coletiva pela equipe que inicialmente compunha o projeto, sendo assim uma construção educativa do saber para o combate ao racismo desde a primeira infância. É possível afirmar que o Roteiro de Acolhimento, o planejamento e a aplicação do mesmo são elementos chaves para a prática de uma educação antirracista e afrocentrada, que atende as demandas da Lei 10639/03, das Diretrizes Curriculares da Educação Nacional e da Constituição Federal.

Palavras-chave: Roteiro de Acolhimento, Afroteca Willivane Melo, Educação antirracista, Lei 10639/03.

ABSTRACT

This work is based on the analysis of the construction process of the first Afro-centered Welcome Route at Afroteca Willivane Mello, located in Santarém, Pará, as well as its variation to welcome the different audience that attends the place. It also aims to build an understanding of how the methodology for welcoming in the space was planned, since, as an innovative social technology, it was necessary to organize a format suitable suitable method for ethnic-racial education, based on research data from the Kiriku Project, which make up AFROLIQ's actions for ethnic-racial research and education in Basic Education. It was possible to identify that during the process, the script was organized collectively by the team that initially made up the project, thus being an educational construction of knowledge to combat racism from early childhood. It is possible to affirm that the Welcome Guide, its planning and application are key elements for the practice of an anti-racist and Afro-centered education, which meets the demands of Law 10639/03, the Curricular Guidelines for National Education and the Federal Constitution.

Keywords: Welcome Guide, Afroteca Willivane Melo, Anti-racist Education, Law 10639/03.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 – Símbolo Adinkra Sankofa.....	15
Imagem 02 – Fachada do Centro Cultural João Fona.....	30
Imagem 03 – Area interna do Centro Cultural João Fona.....	31
Imagem 04 – Entrada da Biblioteca Municipal.....	32
Imagem 05 – Recepção e parte do acervo da Biblioteca Municipal.....	33
Imagem 06 – Bibliosesc ao lado do Centro Cultural João Fona.....	34
Imagem 07 – Entrada do Bibliosesc.....	35
Imagem 08 – Area interna do Bibliosesc.....	35
Imagem 09 – Theatro Municipal Victoria.....	37
Imagem 10 – Afroteca Willivane Mello.....	37
Imagem 11 – Equipe da Afroteca com visitantes da CEMEI Paulo Freire.....	47
Imagem 12 – Dinâmica de Apresentação “A teia de Ananse”	50
Imagem 13 – Dinâmica de Apresentação “A teia de Ananse” 2.....	51
Imagem 14 – Amor: Fruto da Arvore do Afeto.....	51
Imagem 15 – Carinho: Fruto da Arvore do afeto.....	52
Imagem 16 – Estudantes frutificando a Arvore do Afeto.....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. O CAMINHO DA LEI10639/03 ATÉ O PROJETO KIRIKU	14
2.1 Lei 10.639/03.....	14
2.2 A lei 10639/03 e a educação infantil.....	16
2.3 Projeto Kiriku.....	18
2.4 Afroteca.....	23
2.5 As primeiras Afrotecas	24
2.6 Desenho e configuração de uma Afroteca.....	25
3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O ACOLHIMENTO.....	26
3.1 Espaços públicos de educação para crianças e adolescentes Santarém.....	29
3.1.1 Centro Cultural João Fona – CCJF	29
3.1.2 Biblioteca Municipal Paulo Rodrigues dos Santos	31
3.1.3 Biblioteca Itinerante do SESC	33
3.1.4 Afroteca Willivane Mello	36
4. CONTRUÇÃO E APLICAÇÃO DO METODO	38
4.1 Origem.....	41
4.2 Sentido – objetivo do roteiro.....	44
4.3 Variações.....	46
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERENCIAS	56
ANEXO 01.....	59
ANEXO 02.....	62

1. INTRODUÇÃO

Trabalhar com foco em uma educação antirracista e afrocentrada, antes de tudo, necessita de estudo prévio de temáticas que foram esquecidas, estereotipadas ou vistas sem importância ao longo dos tempos, como a ausência de um currículo que trabalhe a educação étnico-racial continuamente. Encaixar um Roteiro de Acolhimento, baseado em uma educação negro afetiva, com foco em educação dentro de um espaço novo requer a criação e a adaptação de metodologias afrocentradas para atender parâmetros e demandas existentes, porém vistas como secundárias, mesmo após o ordenamento jurídico brasileiro demandar a obrigatoriedade da temática para educação étnico-racial, através da lei 10639/03.

Para isso, este trabalho se propõe a realizar um estudo acerca da elaboração e funcionalidade do Roteiro de Acolhimento na Afroteca Willivane Mello, localizada em Santarém, observados os objetivos desta nova tecnologia social, este é um espaço para trabalhar a educação étnico-racial, com intuito de dar respostas positivas aos dados referentes ao racismo que acontecem com crianças da primeira infância colhidos pelo Projeto Kiriku em CEMEIs de Santarém. A princípio o espaço foi pensado e projetado para crianças da primeira infância, com estímulos que auxiliam em seu desenvolvimento dentro de uma perspectiva antirracista e afrocentrada, assim, o roteiro também foi primeiramente pensado em atendê-las. Mas, o público não se limitou a elas, de tal modo, outros visitantes de idades mais avançadas, como pré-adolescentes e adolescentes passaram a fazer parte do rol de frequentadores do espaço. E em respeito à lei 10639/03, bem como a sociedade santarena a Afroteca expandiu organicamente a sua atuação, visto que a garantia do ensino de literatura, história africana e afro-brasileira se estende por todos os níveis da educação, sendo transversal e afrocentrado a todas as disciplinas

Assim, o Roteiro de Acolhimento existente na Afroteca Willivane Mello, atende parâmetros educacionais com base e fundamentos em consonância com as legislações relacionadas a educação do Estado brasileiro. Analiso especificamente neste trabalho o planejamento, a elaboração e a aplicação do primeiro roteiro elaborado pela equipe da Afroteca Willivane Mello, por ocasião da sua inauguração e apresentação a comunidade santarena. Pode-se perceber que o roteiro sofreu, sofre e sofrerá variações para contemplar a diversidade do público atendido no local, ao considerar fatores como faixa etária, escolaridade, necessidades de atendimento especializado, localidade em que se encontram (as escolas ou grupos sociais responsáveis pelo agendamento).

Para entender estes processos, foram realizadas entrevistas com quatro integrantes da equipe que estão no Projeto Kiriku desde o princípio, e com o bolsista de Ensino Médio que atua na Afroteca desde 2023.

A Afroteca Willivane Mello está organizada com o uso de diversos elementos, como livros, jogos, instrumentos musicais, brinquedos e outros, mas tem como base a Literatura, visto que a maior parte da equipe é composta por profissionais e estudantes de licenciatura em Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), sendo o Projeto Kiriku composto pelo professor Dr. Luiz Fernando França, juntamente com os acadêmicos de diversos cursos da UFOPA que compõem o AFROLIQ e pessoas das CEMEIs participantes da pesquisa, tanto no âmbito do corpo técnico como do corpo de apoio. Cada elemento disposto no espaço foi pensado para transcender a Literatura e ser suporte para temáticas educacionais em múltiplos aspectos: ensino de arte, história, matemática, geografia e de outras áreas de conhecimento. Neste sentido, ao curso deste trabalho, descrevo como foi o processo do pensar a construção e a disposição destes elementos que compõem o acervo da Afroteca, sendo cada um subsídio para o Roteiro de Acolhimento.

A escolha por nomear os itinerários de atendimento de “Roteiros de Acolhimento” se dá pela perspectiva antirracista e afrocentrada que a Afroteca desempenha na educação. Sônia Rosa (2021), professora, mestre em relações étnico-raciais e escritora, reflete acerca da necessidade de uma literatura afro-afetiva, onde a criança negra se enxergue e se sinta confortável dentro das histórias as quais tem acesso – com o destaque para personagens negras em espaços seguros e de conforto – bem como se sinta à vontade no espaço literário, ao qual a Afroteca está também inserida

É trilhando este caminho de acolhimento que proponho a ampliação do conceito de Literatura Negro afetiva na Afroteca para um espaço de Educação Afro-afetiva. Do acolhimento das crianças de forma segura e que lhes traga bem-estar, para contribuir com a construção de uma sociedade e de adultos que não sofram e não cometam racismo. Acolher dentro do espaço da Afroteca Willivane Mello é encontrar esse lugar seguro para ensinar e dialogar sobre ancestralidade, cultura, literatura, hábitos, história, respeito e outros temas sob um olhar e uma metodologia afrocentrada.

2. O CAMINHO DA LEI 10639/03 ATÉ O PROJETO KIRIKU

“Todas as crianças precisam ser respeitadas em textos e imagens.” (Sonia Rosa, em entrevista Companhia das Letras, 26/04/2023)

Este capítulo tem como objetivo contextualizar o Projeto Kiriku: Relações raciais e literatura infantil nos Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEIs) de Santarém e a construção da Afroteca Willivane Mello. Para isto farei uma abordagem acerca de como da curricularização de temas relacionados a África e a afrodescendência no Brasil acontecem mediante a Lei 10639/03, outras leis e normas legais que amparam a criança, a educação infantil e o ensino para relações étnico-raciais, além de demonstrar o processo pelo qual o projeto de pesquisa passou até a construção da Afroteca Willivane Mello.

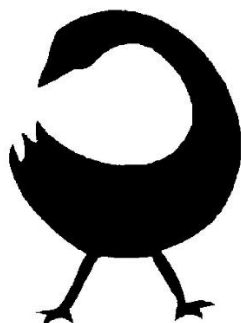
2.1 Lei 10.639/03

A Lei 10639/03 é um marco na educação antirracista no Brasil, ela obriga o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira em instituições de ensino público e privado, em todos os níveis de educação e em todo âmbito escolar, garantindo também a sua transversalidade em especial nas disciplinas de educação artística, literatura e história brasileira. A própria lei estabelece em seu primeiro parágrafo uma ênfase dos conteúdos ao qual se deve trabalhar, são eles: “História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (BRASIL, 2003, p 1).

De acordo com o proposto no corpo da própria Lei 10639/03, a curricularização de um conteúdo que contemple as questões de igualdade racial já se faz presente com a sua promulgação, pois a lei especifica os conteúdos que envolvam a questão do negro no Brasil. A existência de uma norma legal para tal propósito só foi possível por conta da luta antirracista que antecedeu a promulgação, é necessário a realização de um breve *SanKofa*¹ deste processo.

¹ Sankofa, de acordo com Nascimento e Gá (2009) é um Adinkra (símbolo) que representa a sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro. Este símbolo pode aparecer de diversas formas, a mais conhecida trata da figura de pássaro com o bico voltado para a cauda e as patas apontadas para frente.

Imagem 01 – Símbolo Adinkra Sankofa



Fonte: NASCIMENTO, Elisa Lakin e GÁ, Luiz Carlos

Ribeiro (2013), fala que no Brasil a agenda para uma discussão a nível governamental para as relações raciais teve início na década de 1980. Vejo este momento com marco para a criação de caminhos até a chegada da lei 10639/03. É importante lembrar que em 1988 tivemos a promulgação da Constituição Federal Brasileira, que versa no artigo 205A o direito de todos a educação, sendo dever do Estado e da Família de o promover. Amador de Deus (2008) também destaca o ano de 1988 como um marco, pois além de ser a promulgação de nossa Carta Magna, este foi o ano do centenário da abolição da escravidão no Brasil e a criação da Fundação Cultural Palmares, muitos movimentos aconteceram em comemoração, dentre eles, marchas que tinham como uma das reivindicações “Políticas Públicas de Combate ao Racismo e pela eliminação da Discriminação Racial”, entendo que uma das formas mais eficientes de se atingir esta reivindicação é por meio da educação. Foram essas demandas advindas dos movimentos negros molas propulsoras para uma atual legislação.

A pauta do combate ao racismo e a discriminação racial fez com que ainda na década de 1980, seguida da década de 1990 surgissem diversos comitês e conselhos estaduais para discutir a questão dos direitos dos negros no Brasil, mas que ainda previam pastas genéricas diante da sociedade.

Até a década de 1980, todo o processo de luta do Movimento Negro, quando se fala de educação, estava mais voltado para um discurso universalista. Porém, de acordo com que o movimento foi percebendo que as políticas públicas educacionais – que tinham uma visão universal –, ao serem implementadas não atingiam a população negra, e é a partir deste ponto que as reivindicações começam a tomar um novo rumo. (VIEIRA e SILVA, 2023, p.6)

É tomando clara ciência de que havia lacunas na educação do negro no Brasil, que a pauta começa ficar mais específica, pois as reivindicações não chegavam diretamente a transformar a educação do negro, é neste momento que as ações afirmativas se transformam em pauta dentro dos movimentos. Sendo a Fundação Cultural Palmares um importante

instrumento dentro dessa discussão, mas havendo o entendimento da existência de uma luta negra em todas as esferas da sociedade e não apenas na pauta cultural.

Em sequência temos a década de 1990, Ribeiro (2013), olha para essa década como um avanço, pois a eleição de Fernando Henrique Cardoso trazia consigo um discurso de enfrentamento à desigualdade racial, antes vista como inexistente no país. Reconhecer que o Brasil tem questões fortes de desigualdade em áreas como economia, saúde, educação e observar que a população negra era a mais vulnerável nesses aspectos fizeram com que o olhar deixasse de ser universalizado e tenda uma especificação. Em 1996, com a criação do Grupo de Trabalho Interministerial para Valorização da População Negra – GTI – a pauta das ações afirmativas ganha peso, porém o grupo foi de um importante instrumento ao que Amador de Deus (2008) chama de “morte por inanição”, já que as reivindicações não tiveram continuidade dentro do grupo.

Outro marco universal para educação foi a criação e promulgação da Lei 9394/96, Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional – LDB de 1996. Que não versava especificamente acerca de uma educação antirracista, sendo ela posteriormente alterada pela Lei 10639/03 e pela resolução CNE/CP 1/2004. Essas alterações que surgiram após 7 anos de criação da LDB segundo Gomes e Jesus (2013), compõem um importante dispositivo para as políticas de ações afirmativas no Brasil. Haja vista que, a partir desses marcos houve a obrigação de curricularizar a educação para relações raciais no Brasil.

É importante entender que essa obrigação como já dito trata não especificamente da educação infantil, mas que a alcança, visto que o dispositivo legal atinge todos os níveis de educação. Para além da Lei 10639/03 e da resolução CNE/CP 1/2004 veremos outros dispositivos legais que versam especificamente da curricularização de uma educação antirracista voltada para educação infantil.

2.2 A lei 10639/03 e a educação infantil

Para além da Lei 10639/03 existem alguns dispositivos legais que tratam da criança e da educação infantil como um todo e alguns dispositivos mais específicos sobre a questão das relações raciais e a educação das crianças.

Antes da criação e promulgação da LDB e da Lei 10639/03 que versa especificamente acerca da educação, tivemos um marco para a proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes, a Lei 8069/90 que cria o ECA – Estatuto da Criança e do

Adolescente. Foi uma grande novidade e apesar de não ser um estatuto voltado exclusivamente para educação ele trata no Caput do Capítulo IV dos direitos da criança e do adolescente à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer. E discorre nos artigos deste capítulo sobre o direito a uma educação gratuita e de qualidade, com respeito por parte de seus professores, podendo inclusive a crianças e o adolescente de contestar critérios avaliativos, ou seja, o ECA na questão de educação coloca voz na criança, fazendo com que ela seja ouvida.

Deste modo, vemos que o ECA, vigente até os dias de hoje, prevê que toda criança deve ter o seu direito a educação respeitada pelo Estado, pela sociedade e pela família. Um conceito jurídico que se pode aplicar a educação neste caso tem a interpretação progressiva e evolutiva, visto que apenas no ano de 1996 tivemos a Lei de Diretrizes da Educação Básica e em 2003 a Lei 10639/03. A primeira tratando da educação em seu currículo generalista e a segunda de uma educação antirracista, não prevista inicialmente no ECA, mas que pode ser por este estatuto cobrado, visto que no entendimento atual tanto da sociedade brasileira, quanto da legislação existe a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira no currículo da educação básica. Assim, entendo que assegurar um currículo com respeito ao direito da criança e do adolescente em conhecer a história e a cultura dos povos africanos e afro-brasileiros é também respeitar o ECA na sua integralidade.

Outras normas são importantes no processo de educação racial e da educação infantil. Dentre elas as DCNERER – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, de 2004 e as DCNEI – Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, de 2010, vem atendendo expectativas para a construção de um currículo efetivo que corresponda a educação de crianças sob uma perspectiva antirracista, como podemos ver as propostas pedagógicas da DCNEI:

Construindo novas formas de sociabilidade e de subjetividade comprometidas com a ludicidade, a democracia, a sustentabilidade do planeta e com o rompimento de relações de dominação étnica, socioeconômica, étnico-racial, de gênero, regional, linguística e religiosa. (DCNEI, 2010, p.17)

O reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afro-brasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação. (DCNEI, 2010, p. 21)

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil contemplam ao longo de seu corpo aspectos éticos onde se encontram a solidariedade, o respeito, a cultura e a identidade da criança e dos povos africanos e afro-brasileiros, assim podemos fazer uma relação tanto com a Lei 10639/03 como a DCERER, no que tange o ensino de cultura e da

identidade dos povos africanos e afro-brasileiros. Suas propostas pedagógicas estão alinhadas a construção de um conjunto de dados onde a criança possa além de conhecer, está inserida em uma política de combate ao racismo e a discriminação, não permitindo que sofram ou cometam tais atos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana trouxeram para a discussão o que seria essa educação para as relações étnico-raciais, esta nomenclatura passa a ser utilizada em documentos diversos. Segundo o DCNERER ela trata:

O sucesso das políticas públicas de Estado, institucionais e pedagógicas, visando a reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros depende necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para aprendizagens; em outras palavras, todos os alunos negros e não negros, bem como seus professores, precisam sentir-se valorizados e apoiados. (DCNERER, 2044, p. 13)

Entendo que a previsão de que todos alunos e professores, negros ou não negros, devam entender e conhecer a história e cultura dos povos africanos e afro-descentes, respeitá-los e valorizá-los, conviver entre si de forma ética e harmoniosa, é na verdade a própria história e da cultura do Brasil.

Tais documentos se alinham em uma progressão evolutiva, desde a Constituição Federal, passando pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, pela Lei de Diretrizes da Educação Básica, a Lei 10639/03 e por fim as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Logo, é dever do Estado por meio das instituições educacional, pública ou privada, fornecer conteúdo, programação, projetos e outros que contemplem estes aspectos, não podendo alegar falta de conhecimento, condições pedagógicas ou outro qualquer empecilho para a concretização das ações de educação racial.

2.3 Projeto Kiriku

Os dados a seguir relatam a trajetória do Projeto Kiriku e podem ser encontrados no relatório do projeto. Mas, primeiramente se faz necessária uma breve contextualização do nome do projeto, quem é Kiriku e qual a sua importância dentro do projeto. Kiriku é um personagem infantil da trilogia de filmes, de mesmo nome, que tem sua trajetória na África Ocidental, sendo este um menino muito espeto e curioso, solucionando diversos problemas

enfrentados pelo seu povo. O filme foi lançado em 1998 e é de autoria de escrito por Michel Ocelot. Reflete uma narrativa de histórias do imaginário africano. Os três filmes são: “Kiriku e a Feiticeira” (1998), “Kiriku – os animais selvagens” (2005) e “Kiriku – os homens e as mulheres” (2012)

Para contextualizar o que vem a ser o Projeto Kiriku - Relações raciais e literatura infantil nos Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEIs) de Santarém, é preciso primeiramente entender que este ele está inserido dentro do AFROLIQ - Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro amazônica e Quilombola, do ICED – Instituto de Ciências da Educação, da UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará.

O AFROLIQ foi criado e é coordenado pelo Professor Doutor Luiz Fernando de França, que ministra disciplinas nos cursos de licenciatura voltadas para a discussão e ensino de história e cultura africana e afro-brasileira, atendendo assim o currículo do licenciando para uma atuação docente futura em conformidade com a lei 10639/03 e a DCNRRER, entre outras normas legais. Do ponto de vista prático, estas disciplinas compõem um conjunto de medidas de ações afirmativas. A princípio o grupo de estudos chamava-se africanidades, e tinha foco na literatura, após a troca do nome, a questão global da educação para as relações étnico-raciais passaram a ter peso maior.

Organicamente o grupo de estudo e pesquisa passou a realizar extensão quando convidado a ministrar oficinas sobre relações étnico-raciais em CEMEIS, UMEIs e Escolas, a princípio por meio da literatura. Assim, o grupo foi crescendo e tendo uma maior visibilidade e alcance. Passando por alguns processos:

1 – Fortalecimento do grupo por meio dos estudos proposto pelo AFROLIQ em formato de reuniões, rodas de conversa e troca de experiência que possibilitaram conhecer, reconhecer e estudar, autores africanos, negros (de diversas nacionalidades) e brancos que escrevam sobre a temática negra e africana para crianças, adolescentes, jovens e adultos, em perspectiva afrocentrada² e antirracista. Entende-se que a presença de uma personagem negra em uma obra literária não a torna afrocentrada e representativa, pois ainda assim a mesma pode reproduzir estereótipos racistas. É preciso haver afrocentrismo na obra, por meio da literatura se pode discutir como o racismo estereotipado atua na nossa sociedade, não sendo

² Afrocentrismo: Para Assante, o afrocentrismo trata de libertar os conceitos africanos do paradigma ocidental, ele usa o termo pela primeira vez em 1980 no seu livro *Afrocentricity: The Theory of Social Change* [Afrocentricidade: A teoria de mudança social], onde afirma que o eurocentrismo enforcou a criatividade dos povos africanos.

assim um grupo apenas de discussão literária, o AFROLIQ vem atuando para a educação das relações étnico-raciais, fazendo o uso literário como suporte, mas entendendo que esse processo ultrapassa este viés.

2 – Em 2018 o AFROLIQ recebeu o convite para ministrar oficinas com temas relacionados a educação étnico-racial nos CEMEIs, UMEIs e Escolas tanto do município de Santarém como de cidades vizinhas, isso fez com que o grupo ampliasse a sua atuação de pesquisa e entrasse também no campo da extensão, pois as oficinas iam de encontro com as necessidades dos profissionais da educação, professores, coordenadores, gestores ou pessoal de apoio. Pinheiro (2023), ao apresentar seu livro “Como ser um educador antirracista”, narra a sua experiência como fundadora da escola Maria Felipa, em Salvador, Bahia, primeira escola afro-brasileira, fala justamente dessa necessidade de pensar a escola afrocentrada como um todo e não apenas nos educadores, é preciso que todo o corpo de funcionários do educandário entenda o que é ser antirracista e principalmente o que são práticas afrocentricas. O Projeto Kiriku tem tido esse cuidado ao trabalhar as formações, incluindo nelas pessoal do quadro de apoio. Um exemplo a ser citado é o servidor Raney Colares da CEMEI Antônia Correa e Souza que faz parte do quadro de apoio e participa assiduamente da equipe do projeto, antes mesmo do projeto existir de direito, entendendo que a importância da sua participação norteia as suas práticas diante dos estudantes, professores, pais e da comunidade com todo.

3 – Foram nas oficinas que surgiram os primeiros relatos de racismo na primeira infância, crescendo a urgência da necessidade de uma intervenção pedagógicas eficiente de combate ao racismo, preconceito e discriminação, que atendam crianças.

Com a atuação direta nos CEMEIS, UMEIS e escolas o grupo consolida. Logo após isso a UFOPA recebe o convite do Instituto AMMA Psique e Negritude (SP)³ que estava realizando uma pesquisa em âmbito nacional chamada: “Relações Étnico-raciais e Primeira Infância: aspectos psicossociais, educacionais e culturais”, para desenvolver por meio do AFROLIQ a parceria e realizar as pesquisas no Município de Santarém, com educação infantil. Com este convite nasce o “Projeto Kiriku - Relações raciais e literatura infantil nos Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEIs) de Santarém”.

As rodas de oficinas e rodas e conversam continuaram e neste momento surgem os primeiros relatos de violência racial na primeira infância ocorridos nos CEMEIs. Sendo

³ Instituto AMMA Psique e Negritude: Organização Não Governamental que atua no combate ao racismo. <http://www.ammapsique.org.br/>

identificados por meio da fala de alguns profissionais dos centros educacionais fortes indícios de racismo entre criança-criança, criança-adulto e adulto-adulto.

Com a problemática relatada pelos profissionais, houve a necessidade de um estudo aprofundado para identificar essas violências, muitas vezes não reconhecidas como racismo, assim a equipe do projeto, viu a necessidade da realização de questionários envolvendo todas os profissionais das CEMEIs, para identificar as causas, origem e foco da violência racial sofrida pelas crianças.

Este questionário, foi aplicado para os profissionais de três CEMEIs, que passaram a ser parceiros diretos do Projeto, são elas: do CEMEI Paulo Freire – área central da cidade, CEMEI Antônia Corrêa e Sousa e a CEMEI Maria Raimunda Pereira de Sousa – localizadas em bairros periféricos do município de Santarém. Questionários também foram aplicados com os responsáveis das crianças, estes dados ainda se encontram em análise pela equipe e não foram divulgados. Destaco alguns das perguntas do questionário diretamente relacionadas com questões raciais e suas incidências coletadas a partir das respostas dos funcionários.

Ao serem questionados: “Quais são os conflitos ou tensões mais frequentes entre as crianças? Você pode descrever uma?”. Dentre as incidências 84 citadas, 81 respondentes narras questão da partilha de brinquedos, algum tipo de briga seja físico ou verbal, conflitos familiares, a criança não gostar da outra, sem narrar o motivo e ainda houve abstenções ou pessoas que disseram não haver ou terem presenciado conflitos. Mas o que chama atenção é o fato de 3 profissionais narrar haver conflitos raciais nas CEMEIs.

Ao serem questionados “O que é preconceito para você?”. Das 84 respostas 15 tem incidência relacionadas a questões étnicas-raciais, como a cor de pele, origem, religião, raça e gênero. Esta questão está diretamente relacionada com a seguinte que questionava “Quais são os preconceitos mais manifestados na escola? Normalmente, quais são os que mais aparecem”. 27 das 84 incidências novamente relacionam os preconceitos no ambiente escolar com aspectos étnico-raciais, havendo destaque específico em 4 destas respostas que caracterizam o cabelo como um fator relacionado aos preconceitos na escola.

A parceria com o Instituto AMMA Psique e Negritude, previa realização de alguma ação, após a coleta de dados e detectar que existe racismo entre as crianças que frequentam as CEMEIS de Santarém. O Projeto Kiriku juntamente com as CEMEIs, começam a pensar em como empregar de forma consciente o recurso, que viesse atender,

minimizar ou até mesmo solucionar o problema encontrado na pesquisa. Problemas estes que se mascaram em falas de miscigenação da população brasileira.

O mito da democracia racial brasileira impõe ao imaginário coletivo a descrença e impossibilidade de haver racismo desde a primeira infância, mas as práticas racistas segundo Cavalleiro (1998), se dão por meio de uma ideologia que permite o domínio de um grupo sobre o outro, o qual é tido como inferior diante do primeiro. Nos relatos coletados dos profissionais dos CEMEIs, foi possível atestar que o racismo já está impregnado no imaginário infantil de crianças que frequentam os centros educacionais, são falas como: “Não posso sentar perto dela porque ela é suja” ou “Eu não gosto de negro, mas eu não falo”, colhidos nas rodas de conversas, demonstram que estas crianças já têm alguma noção de quão errado é seu posicionamento, mesmo sendo muito pequenas. Quando a criança diz não gostar de negro seguida de um “mas eu não falo”, demonstra que ela tem a consciência de que sua fala não é bem-vinda no ambiente escolar, falas que demonstram a não veracidade do mito racial.

A defesa da democracia racial carrega em si um importante componente ideológico, que tem razão de ser na dinâmica das relações sociais brasileiras e que afeta o conjunto da sociedade de maneira diversa. Seria, no mínimo, um equívoco supor que os brancos organizam unilateralmente um discurso bem elaborado acerca das relações democráticas no Brasil, embora se beneficiem da estruturação de poder, erguida sob o símbolo da discriminação étnico-racial. (Eurico, 2020, p. 60)

Como diz Eurico (2020), existe no Brasil uma defesa do mito da democracia racial, colocando todos como miscigenados, assim não havendo racismo por conta do tom de pele, mas na prática o que vemos acontecer são fatos bem diferente e dessa forma relembramos as falas das crianças ao dizer que o outro é sujo por ter o tom de pele mais escura e as incidências das respostas ligando o preconceito ao cabelo da criança, se de fato o mito da democracia racial existisse, como muito se propagou e continua se propagando, uma determinada pessoa não seria considerada suja pelo tom da sua pele, visto que o Brasil seria apenas miscigenado, como o mito da democracia racial afirma.

Neste combate ao racismo e ao mito da democracia racial por meio da educação as primeiras ideias de como empregar o recurso eram a construção de bibliotecas com um acervo antirracista e afrocentrado e/ou a criação de brinquedotecas sob a mesma perspectiva, para posteriormente a construção da Afroteca no conceito que o grupo organizou, unindo literatura e educação por meio do brincar.

2.4 Afroteca

Como dito, o Projeto Kiriku, por meio do financiamento do Instituto AMMA Psique e Negritude, começou a pensar em um objeto de devolutiva para sociedade, que desse resposta a problemática encontrada pela equipe quando da consolidação dos dados dos questionários.

As ideias iniciais traziam a literatura ou o brincar para o centro da discussão, e uma solução seria pensar minuciosamente como e onde esses materiais pedagógicos que estavam sendo pensados iriam ser armazenados. A junção de um espaço de leitura e contação de história, com um espaço para o ensinar/aprender por meio da ludicidade, deu forma à tecnologia social que hoje chamamos de Afroteca.

No Relatório do Projeto a equipe define “AFROTECAS – espaços de acolher crianças, educar, cuidar e ler em perspectiva afrocentrada e antirracista”. Não sendo o conceito fechado em si, pois este espaço de educação e pesquisa se consolida e serve a sociedade de acordo com a necessidade.

Entendemos que esta inovadora tecnologia social está como um recursos para uma educação antirracista e suas diversas formas de uso precisam ser construídos e alicerçados para atuar no combate ideológico racista que prega o entendimento de que a miscigenação que vem acontecendo no Brasil é mais expressiva e mais importante que a defesa do povo negro, muitas vezes negando a identidade deste grupo usando a mistura das raças e etnias como alicerce, ideologia esta que deslegitima descendente de quilombolas e toda sua luta por reconhecimento, inclusive de território, com o uso de frase como “somo todos indígenas, negros e brancos”, mas que na práticas comentem ou permitem que outros cometam casos diretos de racismo e/ou injúria racial cotidianamente, como podemos observar ao ler falas preconceituosas de crianças da primeira infância de centros educacionais do município de Santarém - Pará em relação a colegas negros.

Para Dias (2022), quilombamentos passam por processos históricos e coletivos que conferem identidade a uma comunidade/povo, neste sentido entende-se a Afroteca como um espaço quilombado de resistência por meio da educação afrocentrada. Podemos então definir a Afroteca como um quilombamento, não apenas no que se refere ao espaço físico, mas ao seu conceito, pois não se trata apenas de um lugar geograficamente demarcado, estamos falando de um espaço ideológico do fazer e pensar para uma educação antirracista,

posso dizer que quilombamento é um ambiente/ espaço/ conceito que passou por um processo de afrocêntrismo.

Ainda nesse sentido, Souza (2008), trata o processo de quilombamento como contínuo de luta e demanda de ações para resistência e existência de usos e costumes dos povos afro-brasileiros. A Afroteca é neste sentido um espaço de ouvir, conhecer, reconhecer, aprender e entender afrocêntrico, afro diaspórico e afro amazônico, para resistir e existir do povo negro, sua história e cultura. Cada elemento (livros, jogos, brinquedos, bonecos, instrumentos etc.), ali representado, podem ser a narrativa de um uso e/ou costume, sendo a visita na Afroteca uma imersão na cultura africana e afro-brasileira.

Se fizermos um exercício de pensar na Afroteca como uma personificação, uma pessoa física, eu a identifico como uma mulher, uma Matriarca ancestral que repassa aos mais novos seu conhecimento e sabedoria de África e afro-diaspórica brasileira e amazônica. Oliveira (2018), fala do matriarcado como poder exercido pela mulher, que nas sociedades africanas tem o conhecimento da maternidade, tida como sagrada e divina. Assim, vejo a Afroteca como uma mulher, matrigestora, que carrega consigo ensinamentos acerca dos usos e costumes, sempre disposta a repassar a sua comunidade. A Afroteca tem características de uma matriarca, a qual podemos identificar com Willivane Mello, a quem a equipe do projeto homenageou batizando a primeira Afroteca pensada e inaugurada, Willivane Mello ela foi uma mulher, negra, psicóloga, educadora e militante da causa antirracista, que contribuiu com a educação para as relações raciais e para alicerçar as escolas quilombolas de Santarém, ela ainda contribuiu na organização de mulheres negras em Santarém, Willivane deixou este plano em 05 de dezembro de 2018, mas seu legado de educação para as relações raciais resiste.

Enfatizo que a Afroteca é fruto de uma construção histórica, de resistência e coletividade, construída a muitas mãos, pensada e organizada para que a ancestralidade dos povos africanos e afro-brasileiros possam ser representados, desmistificados e usados em prol do combate ao racismo. Não principia no Projeto Kiriku se inicia com o reconhecimento de cada membro do grupo em sua autoafirmação identitária (negra ou branca) e coletiva. Pois, ouviu, acolheu e moldou as ideias que surgiram dentro do grupo de pesquisa, para que este espaço tenha também uma identidade local respeitada.

2.5 As primeiras Afrotecas

O financiamento o Instituto AMMA Psique e Negritude possibilitou a construção dos espaços que passaram a se chamar Afroteca. Foram quatro no total, sendo a primeira objeto de estudo deste trabalho – Afroteca Willivane Mello e as outras três nos CEMEIS que fizeram parte direta da pesquisa, são: Afroteca “Amoras” do CEMEI Paulo Freire – área central da cidade, Afroteca “Sankofa” do CEMEI Antônia Corrêa e Sousa, e Afroteca “Lelê” do CEMEI Maria Raimunda Pereira de Sousa – localizadas em bairros afastados da área central.

Inaugurada em 11 de agosto de 2022, a Afroteca Willivane Mello, encontra-se localizada no prédio histórico do Theatro Municipal Victoria, no centro comercial de Santarém, onde funciona do NIERAC – Núcleo de Promoção da Igualdade Étnico Racial, do MPPA – Ministério Público do Pará, coordenado pela Promotora Lilian Regina Furtado Braga. O MPE por meio do programa “MP e a comunidade” é parceiro do Projeto Kiriku. A inauguração e o funcionamento deste espaço é um marco histórico para educação para relações raciais tanto a nível local, regional e nacional, pois de acordo com as pesquisas realizada pela equipe do projeto, não se encontra outra Afroteca nos moldes desta anteriormente fundada. Não se trata de uma biblioteca ou uma brinquedoteca, nem tão pouco a fusão das duas, é sim local de estudo e aprendizado para as relações étnico-raciais pensada para crianças.

2.6 Desenho e configuração de uma Afroteca

Pensada primordialmente para crianças da primeira infância a equipe que compõe a pesquisa juntamente com profissionais dos centros de educação infantil desenharam para o espaço físico um ambiente de conforto e acolhimento, ao qual a criança possa se sentir à vontade no momento da educação para as relações raciais ou outros temas que ultrapassem e atravessam as diversas infâncias. Sendo o ambiente mesclado basicamente de duas partes. A primeira é composta por livros de literatura africana, literatura negra e literatura de temática negra e africana⁴, e a segunda é composta por brinquedos educativos (jogos, bonecos, carrinhos) e instrumentos musicais, além de um mobiliário pensado para altura das crianças, fazendo com que se sintam respeitadas em um ambiente diferente do seu cotidiano.

As práticas pensadas e planejadas para o uso da Afroteca têm como objetivo a educação para relações étnico-raciais desde a primeira infância, ofertando um leque de

⁴ É importante ressaltar que essas nomenclaturas estão sendo empregada pela equipe para classificação das obras de seu acervo e ainda está sendo objeto de estudo para aprimoramento.

oportunidades que oferecem conhecimento e entendimento da história e cultura africana, afro-brasileira, afro amazônica e quilombola por meio principalmente da literatura, durante todo o ano letivo, como prevê a Lei 10639/03 e as Diretrizes curriculares que amparam a criança e a educação para as relações étnico-raciais, não apenas no mês de novembro.

3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O ACOLHIMENTO

“Afeto é acolhimento” (Ene Daniela Saraiva dos Santos, 12 anos)

Em uma visita dos pré-adolescentes do CRAS – Maracanã à Afroteca, ao serem questionados acerca do que é afeto, Ene dos Santos, uma das meninas que compunham o grupo, fala que para ela “*afeto é acolhimento*”. O que vem de encontro com o que é desenvolvido na Afroteca Willivane Mello, e com o tema deste trabalho de pesquisa.

Neste segundo capítulo tratarei acerca do acolhimento, objeto de estudo deste trabalho, especificamente o acolhimento na Afroteca Willivane Mello. Para isso, primeiramente, trarei algumas visões sobre o que vem a ser acolhimento. Para então entendermos e adentrarmos no que a equipe do Projeto Kiriku entende sobre o que são os Roteiros de Acolhimento para Afroteca Willivane Mello, modelo que pode ser ajustado e aplicado em diversos lugares aos quais possam ser instaladas Afrotecas. Para isso, antes de entrarmos no roteiro, precisamos entender o que vem a ser acolhimento sobre algumas perspectivas.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa PRIBERAM, acolhimento é o ato de acolher, receber alguém como um local seguro e hospitaleiro. A Afroteca Willivane Mello está à disposição da sociedade como espaço seguro para a prática de educação antirracista e afrocentrada com o intuito de acolher e receber crianças e adolescentes de forma cordial e hospitaleira durante as visitas. É preciso lembrar que estamos falando de acolhimento no sentido de receber hospitaleiramente para um cuidado educacional, não com o intuito de hospedagem/ pernoite/ moradia.

Por outra ótica, podemos apresentar o termo acolhimento no uso em práticas de saúde. O Ministério da saúde (2006, p. 6), descreve o acolhimento em psicologia como “uma ação de aproximação, um ‘estar com’ e um ‘estar perto de’, ou seja, uma atitude de inclusão. Essa atitude implica, por sua vez, estar em relação com algo ou alguém”. Observo que essa definição tem aspectos comuns com o trabalho desenvolvido pela equipe da Afroteca

Willivane Mello, onde a atitude de inclusão por meio de temáticas étnico-raciais se faz presentes, na educação de crianças e/ou adolescentes.

Uma perspectiva entender acolhimento é fazer um olhar sobre a cultura africana como propõe este trabalho, e conhecer sobre o adinkra que para o povo Bantu representa uma forma de acolhimento. Segundo Nascimento e Gá (2019), Akoma é o símbolo adinkra que apresenta o amor, por meio da paciência bondade fidelidade e constância. Assim considero um símbolo de filosofia que esteja próxima ao acolher de forma afetuosa.

Quando entramos na seara da educação mais especificamente, que dá teor e forma a este trabalho, Denise da Silva Maia e Victoria Cittolin Richetti (2022, p. 4), tratam do acolhimento para a pedagogia como ato de ensinar, ao dizer que “a pedagogia crítica que Paulo Freire sustenta é também pautada em afeto, compreensão e acolhimento sem, no entanto, perder a qualidade do ensino, a seriedade do trabalho”. Assim, posso afirmar que qualidade no ensino passa também pela qualidade do vínculo e do acolhimento criado entre as pessoas envolvidas (corpo escolar – podendo ser estendido a praticas educacionais extraescolar – e aluno), ainda que as autoras estejam se referindo a educação popular e não ao ensino formal em seu trabalho, os métodos do acolher se fazem presentes na atuação e trabalho da Afroteca Willivane Mello, pois atende ao currículo escolar – respeitando toda a legislação que trata da educação étnico-racial, mas também atende a uma educação para com a sociedade de modo geral, visto que o atendimento não está restrito apenas a instituições de ensino e como função trabalha também para contribuição de uma sociedade mais justa, solidaria e igualitária.

Ainda sob o olhar do acolhimento por meio de uma perspectiva educacional, cito o viés literário, revisitando Sônia Rosa, quando a escritora contribui para um pensar educacional afetivo, trazendo acolhimento para crianças e adolescentes (até mesmo para jovens e adultos), ao caracterizar a importância de haver uma literatura afrocentrada e representativa a qual denominou de literatura negro afetiva. Foi a falta de representatividade negra na educação que contribuiu para a criação da Lei 10639/03, este mesmo motivo mostrou a necessidade desta literatura afetiva e acolhedora se fazer presente.

Reforço aqui a necessidade de trazer personagens negras em situação de conforto, respeito e dignidade para este espaço artístico singular, que é o livro voltado para infância e juventude. Este potente objeto de arte pode contribuir para a formação racial das crianças e jovens brasileiros. E ainda, esses livros podem atuar como um eficaz letramento racial, contribuindo para uma formação dentro da diversidade por meio de saberes ligados à racialidade. (Rosa, 2021, p. 7)

Entendemos o acolhimento na educação sob a perspectiva pautada nesta literatura negro afetiva, que caracterizo também como acolhedora, pensada pela escritora preta Sônia Rosa, como uma das formas de obediência a legislação, assim não apenas para o momento das aulas de literatura, língua portuguesa e arte, mas inserção da cultura africana e afro-brasileira em todos os momentos do ensinar e do aprender. A escritora explora a necessidade de haver personagens negras em posição de conforto dentro da literatura, ela também mostra o caminho para outras disciplinas. A coleção Black Power, da editora mostarda, que representa personalidades negras em diversões seguimentos da sociedade nacional e internacional, pode ser instrumentos para realização de aulas voltadas a diversos temas, com ênfase no afrocentramento, desde a história até a matemática.

O modelo de metodologia pedagógica para o acolhimento – de criança, adolescentes e jovens, negros ou de qualquer outra etnia – ao qual a equipe da Afroteca vem desenvolvendo, tem o afrocentramento como um dos seus pontos de apoio principais. Reforçado assim na escrevivência⁵ da literatura de Sônia Rosa, quando a escritora destaca a importância de haver personagens negras com posição de destaque e conforto dentro da literatura, esse tipo de pensar literário mostra o quanto a diversidade é importante e precisa ser referenciada e respeitada, retomando as recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil, quando trata da diversidade étnica.

Outro aspecto importante é observar se a obra apresenta em seu enredo, histórias diversas de vivências e experiências carregadas de carinho, ternura, abraços, laços de amizade, rede de afetos, **acolhimento**, risos, choros e alegria. Mesmo com enredos espinhosos, mesmo com abordagens de temas indigestos, o amor e os sentimentos de “não estar sozinho ou abandonado” deverão estar presentes. (Rosa, 2021, p. 14)

Ao se preocupar com a formação étnico-racial de todo o corpo de funcionários dos CEMEIs que compõem o projeto e não apenas dos professores, o Projeto Kiriku está tratando da qualidade de ensino que perpassa o acolhimento em todo ambiente educacional e do vínculo que a comunidade escolar estabelece para com a criança e sua família. Não diferente do que acontece nas CEMEIs, na Afroteca Willivane Mello a equipe recebe uma formação básica que trabalha as questões do acolher com afeto como uma das metodologias de educação para relações raciais de crianças e de adolescentes, entre outras existentes.

Nessa perspectiva de acolhimento, vínculo e afeto compõem as ações de recepção de crianças e adolescentes na Afroteca Willivane Mello.

⁵ Termo usado em 2017 por Conceição Evaristo, onde em entrevista à revista Conexão Literária explica; “Escrevo uma vivência, que pode ser ou não, a real, a vivida por mim, mas que pode se con(fundir) com a minha!”.

3.1 Espaços públicos de educação para crianças e adolescentes Santarém

Ao se pensar em espaços de educação que possam assim como a Afroteca ser suporte para uma educação formal e informal, dentro do município de Santarém, surgem questionamentos: “existem outros espaços públicos educativos ou que desempenhem também este papel onde as crianças que vivem ou estejam a passeio no município de Santarém possam visitar e aprender?” se sim, “quais são estes espaços?”.

Sob um olhar analítico tracei, além da Afroteca Willivane Mello, três locais públicos, consolidados e reconhecidos como de educativos que podem ser são frequentados por crianças e adolescentes – sob supervisão dos responsáveis. São eles: Centro Cultural João Fona – CCJF, Biblioteca Municipal Paulo Rodrigues dos Santos e Biblioteca Itinerante do SESC – Serviço Social do Comércio. Os três tem entrada/acesso gratuito e estão abertos à visitação. Falarei brevemente como acontece o acolhimento de crianças e adolescentes nestes locais. Por último, abordarei mais sobre o acolhimento na Afroteca Willivane Mello.

3.1.1 Centro Cultural João Fona – CCJF

O Centro Cultural João Fona, localizado no centro da cidade, de Santarém, já abrigou diversas e importantes organizações políticas, tendo sido palco de muitos momentos históricos e importantes para o município. Faz parte do patrimônio da cidade e é mantido pela prefeitura, por meio da Secretaria Municipal de Cultura. Hoje abriga também um museu de pequeno porte, que conta parte da história da cidade. Da Santarém pré-colonial com as cerâmicas do povo Tapajó até os dias atuais.

As visitas podem acontecer em formatos variados: espontâneas ou agendadas (em sua maioria por grupos), as idades também são distintas, podendo receber desde grupos de crianças agendado por escolas a de idosos. Além de ficar aberto em horário comercial e de livre acesso.

De modo geral existe um roteiro pré-estabelecido para as visitas, que acontecem de forma guiadas. O local tem uma arquitetura quadrada com um jardim ao centro, assim a sua exposição se dá seguindo a estrutura do prédio, iniciando no hall de entrada onde encontram-se a exposição com fotos de todos os administradores da cidade, até o atual

prefeito, seguindo pela direita e visitando todas as salas (que estejam permitida entrada de visitantes) até a área final onde se encontram peças originais de cerâmica Tapajó.

O atual diretor do espaço é o senhor Renato Sussuara, que explicou um pouco sobre projetos futuros que incluem outros roteiros de acolhimento, inclusive uma ideia adaptada para pessoas cegas ou com baixa visão e um trabalho de itinerância do Centro Cultural, o primeiro ainda se encontra em construção.

Dentre os guias, que contam a história do local ao público, o senhor Newton Santos, agente administrativo e especialista em história da arte, explicou que existem formatos de atendimento diferenciado os visitantes, de acordo com o perfil do grupo, existência agendamento ou pessoas não, além da especificidade de acordo com faixas etárias. Santos, traça estratégias para atingir e melhor atender as pessoas. Um exemplo é a mudança de linguagem, quando crianças, muitas vezes se sentam no chão da primeira sala para conversar um pouco antes de dar continuidade e neste momento é possível entender qual nível de detalhes e linguagem deve ser usado.

Imagem 02 – Fachada do Centro Cultural João Fona



Fonte: Acervo pessoal Emela Moura

Imagem 03 – Área interna do Centro Cultural João Fona



Fonte: Acervo pessoal Emela Moura

3.1.2 Biblioteca Municipal Paulo Rodrigues dos Santos

A Biblioteca Municipal da cidade de Santarém, que completou 57 anos de serviço a comunidade local em janeiro de 2024. Está localizada na área central da cidade, atende um público variado, que abrange do infantil ao adulto. Tem um espaço com livros, computadores e mesas de leitura. Assim como o Centro Cultural João Fona, a biblioteca Paulo Rodrigues dos Santos faz parte do patrimônio da cidade de Santarém, está sob a responsabilidade da Secretaria Municipal de Cultura.

Recebe visitantes de segunda a sexta feira em horário comercial. A maior parte do público se dá por demanda espontânea, e podem ter cadastros para empréstimo de livros. Não há de fato um roteiro de visitas, pois dependem do interesse do visitante, que como dito acima pode realizar o empréstimo para devolução com o prazo de uma semana ou pode usar o

espaço para leitura no local. Quando criança, é necessário a presença de um adulto responsável acompanhando.

Para visitas de grupos, sejam de escolas, fundações, organizações não-governamentais e outros, faz-se necessário de prévio agendamento. Essas visitas são em sua maioria para conhecer o espaço, não havendo assim um Roteiro de Acolhimento em específico.

Mirasselva Rego, responsável pela biblioteca destaca que eventos que podem acontecer em alguns momentos – como dia do livro, semana do aniversário da biblioteca, semana do aniversário de Santarém e outros. Assim, havendo uma programação destinada aos visitantes, sendo nestes momentos espontâneas ou agendadas. Programações estas que posso chamar de Roteiro de Acolhimento, mesmo que aconteçam de forma pontual, pois se encaixam e mostram a existência do pensar para a recepção de tais grupos. Esses roteiros não se encontram prontos, são organizados de acordo com a programação a ser planejada pela equipe.

Imagem 04 – Entrada da Biblioteca Municipal



Fonte: Acervo Pessoal Emela Moura

Imagem 05 – Recepção e parte do acervo da Biblioteca Municipal



Fonte: Acervo Pessoal Emela Moura

3.1.3 Biblioteca Itinerante do SESC

A Biblioteca Itinerante do SESC – Bibliosesc, é um projeto nacional que existe em 54 localidades do Brasil. Santarém está inserida neste projeto, com uma unidade móvel. Na página da instituição podemos ler que o projeto tem como objetivo incentivar a leitura em áreas que haja pouco acesso à livros. Assim, caminhões foram adaptados para funcionarem como verdadeiras bibliotecas moveis, atendendo o público do infantil até o adulto. Em Santarém o foco tem sido o público infanto-juvenil.

Segundo me informou Cleide Moraes Branco, responsável pelo projeto na unidade do SESC Santarém, há uma grande procura pelo serviço, por parte de jovens que residem nos bairros mais afastados do centro da cidade, citou como exemplo o interesse por parte dos moradores do bairro Pérola do Maicá.

Sobre o funcionamento do espaço, atendimento, formas de receber e acolher, Cleide Branco cita a parceria com escolas, por meio da direção, associações de bairros e igrejas, que cedem o espaço no qual o caminhão fica estacionado por uma semana, bem como fornecem energia elétrica. As visitas de turmas das escolas se dão por agendamento, sendo que por vez são atendidas 15 pessoas, devido ao tamanho do espaço. Não há um roteiro fixo, pois ele pode variar de acordo com a turma (idade, série e até mesmo interesse), mas de modo

geral os visitantes ficam à vontade para explorar e conhecer o local, escolher um livro para uma breve leitura ou conversar sobre o mesmo.

Mediante cadastro (com a necessidade da presença do responsável quando menor) pode haver empréstimo de livros, sendo que o caminhão permanece uma semana no local, assim este fica sendo o prazo estipulado para devolução.

Em Santarém o projeto funciona a 4 anos e pode também ser acessado por outros públicos além os dos moradores de locais mais afastados do centro, pois todas as segundas-feiras encontram-se na orla da cidade, ao lado do Centro Cultural João Fona. Para ter acesso aos empréstimos de livros basta a realização de cadastro.

Imagem 06 – Bibliosesc ao lado do Centro Cultural João Fona



Fonte: Acervo Pessoal Emela Moura

Imagem 07 – Entrada do Bibliosesc



Fonte: Acervo Pessoal Emela Moura

Imagem 08 – Area interna do Bibliosesc



Fonte: Acervo Pessoal Emela Moura

3.1.4 Afroteca Willivane Mello

No primeiro capítulo houve uma abordagem acerca do que é a Afroteca, seu conceito, objetivos e demais informações gerais. Fruto do projeto de pesquisa do grupo de estudos AFROLIQ da UFOPA em parceria com a Instituto AMMA Psique. A primeira Afroteca projetada e pensada para crianças da primeira infância está localizada no prédio do Theatro Municipal Victoria, no centro comercial e histórico de Santarém-PA, devido a parceria firmada com o Ministério Público do Pará, por meio do programa “MP e a comunidade”.

É de conhecimento prévio que existe um uso e aplicação de itinerário de acolhimento para os trabalhos oferecidos pela Afroteca, e que este roteiro foi pensado para melhor atender o público, de forma eficaz, eficiente e comprometida com a educação antirracista, sejam nas visitas de grupos agendados ou de demanda espontânea. Esses roteiros são norteadores para a prática pedagógica no que cumpre com a função social e educacional que a Afroteca oferece para com a comunidade santarena. Existem outros projetos de ampliação e construção de Afrotecas, além do trabalho de capacitação e aulas que acontecem no espaço, dos quais apenas cito pois estes não são objetos deste estudo.

Além da Afroteca Willivane Mello, mencionei três ambientes de acesso gratuito em sua totalidade que possuem grande relevância social e educacional no município de Santarém para entender se os mesmos tinham um trabalho diferenciado para atender o público infanto-juvenil e pude verificar que os três locais – Centro Cultural João Fona, Biblioteca Municipal Rodrigues dos Santos e Biblioteca Itinerante do SESC – possuem/criam roteiros pontuais pensados de forma diferenciada para receber os visitantes, cada um desses itinerários são adaptados para a sua proposta e sua função social. Foi possível perceber a disponibilidade em produzir e tentar criar novas formas de atendimento que atendam na sua totalidade a comunidade santarena, como exemplo de roteiros adaptados a pessoas cegas ou roteiros para uso específicos para eventos, além de possíveis parcerias futuras. O fato de não haver um modelo pré-estabelecido para visita nos locais necessita de um planejamento prévio a cada visita, sendo este o itinerário proposto.

Imagem 09 – Theatro Municipal Victoria



Fonte: Acervo Pessoal Emela Moura

Imagem 10 – Afroteca Willivane Mello



Fonte: Acervo Pessoal Emela Moura

É importante do ponto de vista educacional dizer que os roteiros de acolhimento são planos de trabalho/aula para atendimento agendado de turmas na Afroteca. Como já foi

dito existem dois tipos de visitas à Afroteca Willivane Melo. 1) Visitas espontâneas – que acontecem sem agendamento, advindo em sua maioria por usuários dos serviços disponibilizados pelo Ministério Público para a comunidade em geral, 2) Visitas programadas – que acontecem mediante agendamento de grupos e precisam atender alguns critérios. As CEMEIs, das quais fazem parte do projeto tem seus próprios roteiros que refletem as suas necessidades, ver anexo o modelo de roteiros da Afroteca Amoras e Afroteca Lelê.

A segunda modalidade acontece quando o responsável por um grupo (CEMEIs, UMEI, escolas, universidades ou outras instituições que trabalhem com um público infantil, de adolescentes ou de pessoas que tenham interesse em ter maior conhecimento sobre as questões étnico-raciais entra em contato via formulário do google, que se encontra disponível em formato eletrônico ou pessoalmente com interesse em levar até o espaço um determinado grupo. Quando se trata de crianças da educação infantil a capacidade máxima é de 20 crianças, acompanhada dos responsáveis pela turma. Quando se trata de visita de adolescentes e jovens o limite de capacidade aumenta para no máximo 35 pessoas, mais o responsável pelo grupo. A diferença na quantidade de pessoas no espaço se dá pelas dinâmicas das atividades lúdicas.

Após o agendamento é realizada uma breve entrevista com o responsável pelo grupo para entender quais as suas características, em qual nível escolar se encontram, em que ambiente costumam estar presentes, como é a situação familiar, entre outras questões que podem compor o Roteiro de Acolhimento de tal grupo. Realizado este primeiro momento, a equipe de trabalho que está escalada para o dia e o horário da visita adapta o roteiro, que visa acolher e educar para as relações raciais.

No próximo capítulo, o objeto deste trabalho será exemplificado e abordarei como a equipe que organizou os acolhimentos entende sobre o assunto e como alguns roteiros foram adaptados para o trabalho a partir de um tema escolhido para ação do dia. Ainda mostrarei alguns exemplos já adaptados para a aplicação prática.

4. CONTRUÇÃO E APLICAÇÃO DO METODO

“Fazer roteiro para ir a Afroteca é planejar com segurança um caminho que leve as atividades atingirem seus objetivos. Pensamos em planejar com segurança nossas atividades para nossas crianças numa perspectiva antirracista” (Lucidalva Ferreira)

O presente capítulo trata acerca da elaboração e uso do Roteiro de Acolhimento construído pela equipe da Afroteca Willivane Mello. O ponto de partida para aplicação do

roteiro aconteceu com a inauguração da Afroteca, sendo estruturado e pensado para o trabalho que acontece até os dias atuais, levando em considerações as suas adaptações. Abordarei também como foram os passos iniciais do pensar um roteiro para Afroteca. Assim, faço análise de entrevistas com quatro colaboradoras que atuam no trabalho desde o início do Projeto Kiriku e com o bolsista de Ensino Médio que faz parte da equipe atualmente (2023/2024). Estas entrevistas se dividem em três grandes temas de relevância para os roteiros de acolhimento, são eles: origem, sentido – objetivo e variação – mudanças e adaptações. Este modelo é um norte para a recepção de grupos agendados, como um equivalente a um plano de aula para melhor atender a comunidade (sejam turmas escolares, sejam grupos de segmentos da sociedade de forma geral, como CRAS, associações e outros), sempre pautado em uma educação antirracista e afrocentrada.

É importante ressaltar que não há modelos pré-estabelecidos de roteiros para o trabalho de demanda espontânea, ficando a critério do visitante explorar o local sob a orientação da equipe. A equipe da Afroteca entende que é necessário pensar e criar micro roteiros de atendimento, para este público, visto que o espaço se encontra aberto em horário comercial, gratuitamente e pode receber pessoas que não estejam com agendamento e que tenham interesse acerca do trabalho realizado na Afroteca em busca de uma educação antirracista, afrocentrada, acolhedora e afetuosa.

Assim, avalio neste trabalho três etapas importantes no processo da construção dos roteiros. A primeira trata sobre a “Origem” da organização de um roteiro, nesta etapa abordo o processo que a equipe passou para responder a seguinte pergunta feita por vários de seus membros “como nos prepararemos para receber as crianças no espaço e como será esta recepção?”, por meio das entrevistas poderei responder este questionamento. A segunda etapa trata acerca do “Sentido”, onde se questionaram qual é a direção e o objetivo que o roteiro tem dentro da proposta de educação da Afroteca, para então traçar estratégias que pudessem atingir esses objetivos; e, por terceiro a “Variação”, que explica como e porque acontecem mudanças na construção de novos roteiros e como estas novas modificações atendem ao objetivo do trabalho proposto para cada grupo. Para entender como cada momento deste foi e é pensado, realizei entrevista com quatro pessoas da equipe, as quais participaram da construção do roteiro e fazem parte da equipe desde a elaboração do Projeto Kiriku, passando pela aplicação do mesmo e análise da sua jornada.

As etapas descritas ocorreram em muitos momentos simultaneamente e continuam em curso, visto que as Afrotecas são campos de estudo e pesquisa. Assim, continuam sendo

constantemente repensados, pois como já dito a Afroteca é um espaço de educação, que abrange ensino, pesquisa e extensão.

Antes de abordar cada uma dessas etapas descrevo abaixo o itinerário padrão para realização dos trabalhos com as visitas. A Afroteca é uma tecnologia social nova, ela necessitou de uma metodologia que corresponda e justifique a sua construção e continuidade, para atingir o objetivo de educar sob uma perspectiva afrocêntrica, em constante atualização com as mudanças da sociedade, por isso a construção não se basta por si, é preciso educar a equipe, pensar novas formas de combate ao racismo e novas estratégias de fala para uma transformação social, motivo pelo qual não se trata de um roteiro imutável.

A equipe da Afroteca passa por diversos momentos de formação como: Oficinas de literatura antirracista organizadas e propostas pelo AFROLIQ, oficinas de construção de roteiros e produção de material para o trabalho de acordo com o tema a ser abordado, oficinas de musicalização, bem como oficinas que possam ser pertinentes para o trabalho em educação. Desse modo a equipe de acolhimento, passa estar apta para atender os visitantes.

Descrição dos Roteiros de Acolhimento – estrutura base 2022.

1. **Recepção** – Os visitantes/grupos ao chegarem no prédio do Theatro Municipal Victoria, são recebidos à recepção, por uma equipe do próprio Ministério Público para serem anunciados, neste momento existe a necessidade de romper concepções e acolher os visitantes para se sintam mais à vontade, visto que este na maior parte das vezes é um ambiente novo a eles;

2. **Aviso das regras para adentrar a sala da Afroteca** – A Afroteca funciona em uma sala dentro das dependências do NIERAC – Núcleo de Promoção e igualdade étnico-racial, esta sala possui alguns tatames para isso há orientação de não entrar calçado, além de ser um espaço com muitos livros e para evitar que haja proliferação de algum inseto se orienta não se alimentar dentro do espaço;

3. **Recepção na sala com o restante da equipe** – De modo geral apenas uma pessoa da equipe vai até os visitantes à recepção, quando adentram a sala outras pessoas que ali se encontram dão de fato as boas-vindas à Afroteca;

4. **Apresentação da equipe e dos visitantes** – Um dos pontos importantes no processo de educação acolhedora é conhecer o outro, assim a equipe se apresenta e conhece os visitantes.

5. **Apresentação do que é a Afroteca e do porquê ela se chama Willivane Mello** – usando linguagem adequada ao público a equipe conta aos visitantes o que vem a ser

a Afroteca e explica o porquê da escolha do nome Willivane Mello, falando um pouco sobre quem foi e qual a sua importância dentro da temática, assim introduzindo a abordagem da ancestralidade.

6. **Contação de história** – A história escolhida pela equipe tem uma relação direta com as informações fornecidas pelo responsável do grupo.

7. **Atividade** – Corresponde a alguma prática, relacionada ao tema abordado. Podem ser pinturas, colagens ou mesmo uma conversa sobre o assunto.

8. **Momento livre** –   o quando as crianças (ou demais visitantes) ficam livres para brincar e explorar o local a partir do seu campo de interesse;

9. **Encerramento** – Com o auxílio das crianças se organização do espaço;

10. **Despedida** – Realiza-se uma foto com a turma e os responsáveis para compor o acervo da Afroteca, é importante ressaltar a existência de autorização prévia da imagem dos visitantes;

4.1 Origem

Quando o Projeto Kiriku, em sua pesquisa, se deparar com formas de racismo nos Centros Municipais de Educação Infantil de Santarém, a Afroteca começa ser delineada para compor uma das frentes de combate ao racismo presente desde a primeira infância. Planejar o trabalho pedagógico de como essas crianças e adolescentes seriam recepcionadas no espaço   uma das formas de combate do racismo. A esta recepção chamou-se Roteiro de Acolhimento.

A Afroteca e os roteiros são respostas a uma demanda criada pela Lei 10639/03, que vinculou o ensino de história e cultura afro-brasileira em diversas frentes de possibilidades de trabalho na atuação educacional, sendo esta tecnologia social uma das ferramentas para o cumprimento da lei. Podendo ser usada em todo Ensino Básico, em diversas disciplinas como prevê a legislação.

Tudo que é planejado para acontecer na Afroteca como dito anteriormente corresponde a perspectiva de atender a Lei 10639/03, mas também atender à constituição deste país quando trata a erradicação do racismo como uma de suas metas. A acolhida dos visitantes faz parte do processo de aprendizado, de tal modo, acredito em uma proposta de educação similar   que Maia e Richetti (2022, p. 4) também corroboram, onde “acolhimento   perceber que não basta criar boas relações entre os indivíduos. Mostra-se necessário preparar

os professores para acolher e para estabelecer vínculos, seja na instituição escolar, seja nos espaços informais”.

Organizar os roteiros e estudar como eles podem ser aplicados mantem a equipe em constante formação para uma jornada de ‘educação negro-afetiva’, desdobrando o conceito de Sônia Rosa (2021) para todo o processo do ensinar, excedendo as linhas da literatura que trata da necessidade de personagens negros em papel de conforto e destaque, a necessidade de visibilidade pessoas negras em outros campos de atuação e destaque, como personalidades que mudaram a realidade do mundo ou tecnólogas criadas e pensadas por povos originários de África.

As entrevistadas deixaram em destaque a coletividade do pensamento de um ambiente acolhedor para as crianças que visitassem a Afroteca, bem como da construção dos itinerários, os quais chamamos de roteiros de acolhimento e que da corpo a esta trabalho. Os integrantes da equipe, se questionaram acerca de haver realmente a necessidade de um roteiro, como seria e o que vem a ser um roteiro para acolher crianças, além de questionarem a necessidade de realmente precisar seguir o passo a passo. Nesse processo de construção Luane Frois, professora da rede estadual de educação básica, integrante do AFROLIQ e da equipe do Projeto Kiriku, entrevistadas deste trabalho, destaca a importância das professoras dos CEMEIs e do servidor Raney Colares (CEMEI Antônia Correa e Souza), serem integrantes da equipe permanentes do Projeto Kiriku, pois as observações do servidor frente aos momentos extraclasse ajudaram a equipe a pensar o atendimento na sala da Afroteca. Corroborando com Pinheiro (2023), que pontua como importante para uma educação antirracista e afrocentrada a participação de todos os profissionais envolvidos no núcleo escolar para o sucesso de uma educação que atenda parâmetros aos quais se propõem projetos como os da Afroteca.

Essa percepção de Luane Frois em trazer a importância de demais colaboradores para o centro da conversa é ressaltada por uma fala dela mesmo, ao dizer que a equipe teve que amadurecer “a ideia de roteiro e a ideia de acolhimento”, e que além das variações que acontecem no plano de forma coletiva, a equipe precisou lembrar a cada instante que cada criança é única e compreender que “acolhimento não necessariamente precisa passar pelo abraço físico”. Cito exemplos que pude presenciar em relação a isto, o caso de crianças que não gostam de abraçar ou tirar fotos, assim é importante a equipe entender as necessidades desta criança para acolhê-la.

Uma das preocupações iniciais dos voluntários, em relação a necessidade de haver um roteiro, perpassa pelo fato de que muitos deles são alunos do curso de letras e precisarem atender diretamente crianças da primeira infância, visto que são preparados para atuar com alunos do fundamental II em diante. Sarah Beatriz Oliveira Melém, acadêmica do curso de letras integrante do AFROLIQ e da equipe do Projeto Kiriku desde a sua concepção, destaca na entrevista alguns questionamentos frequentes no início: “como seria conduzida uma visita dentro do espaço da Afroteca onde tem muitos estímulos? Como direcionar essas pessoas e fazer com que elas realmente tivessem uma experiência na Afroteca que fosse significativa no ponto das relações sociais? (...) de que forma nós enquanto equipe poderíamos utilizar a Afroteca?” e finaliza nos informando de que a Afroteca desenvolveu (e desenvolve) sua metodologia de trabalho baseado em pesquisas quando nos fala “O roteiro não foi montado de uma hora para outra, não foi algo encontrado pronto (...) ele foi todo pensado a partir da literatura”.

Percebe-se nas falas de Sarah Melém que a Afroteca e o Roteiro de Acolhimento são vistos como inovações. Vejo que essas inovações podem ser olhadas e descritas como metodologias desenvolvidas coletivamente para alcançar pessoas em prol de uma educação antirracista e afrocentrada. Atingir pessoas de maneira assertiva e contribuir com um dos objetivos fundamentais do Brasil, descrito na Constituição Federal de 1988, artigo 3, inciso XLI, e a Lei 10639/03 que altera a LDB e curricularizar a educação para relações raciais no Brasil.

A Afroteca passou por um pensar aquilombado na sua concepção metodológica. As falas que tratam da fase inicial do atendimento deixam claro que o afeto, a coletividade e a educação para as relações raciais formavam uma espécie de tripe para se pensar roteiros de acolhimento. E como falar de forma assertiva para crianças acerca de um tema muitas vezes tão doloroso como o racismo? A professora de educação infantil da rede municipal de ensino, lotada no CEMEI Paulo Freire e também membro do AFROLIQ e do Projeto Kiriku, entrevistada nesta pesquisa, Leila Jane Guimarães, lembra que “os roteiros de acolhimento para o atendimento nas Afrotecas, foram pensados a partir da faixa etária do público (...), tendo por objetivo acolher de forma contextualizada com as literaturas, jogos e bonecos, para o entendimento lúdico de uma educação antirracista”, foi então que os personagens Kiriku – um clássico do cinema infantil africano – e Bucala – personagem do livro “Bucala, a princesa do quilombo de Cabula”, do baiano Davi Nunes, passaram a integrar como peças importantes para apresentação da Afroteca e seus objetivos as crianças.

E no meio deste “toró de ideias”⁶, conversas e questionamentos, partindo do entendimento da necessidade de criação de itinerários, a equipe desenvolveu primeiramente um padrão, a estrutura base 2022, já apresentada neste capítulo, para os primeiros atendimentos. Este roteiro vem sendo adaptado e aprimorado, pois as Afrotecas são campos de estudo e pesquisa permanente, pela dinâmica constante da sociedade. Os membros da equipe entenderam que nesta fase inicial o uso de literaturas do acervo seria o suporte base para o roteiro, como Sarah Melém enfatiza “ele [o roteiro] foi todo pensado e construído a partir da literatura”, mas como muitas vezes dito neste trabalho, não há rigidez nos roteiros, podendo ter como base para o acolhimento outro elemento não literário, porém nos primeiros passos e o “objetivo [era] acolher de forma contextualizada com as literaturas”, como também destacou Leila Guimarães.

4.2 Sentido – objetivo do roteiro

Nesta abordagem, as entrevistadas foram questionadas a respeito de qual sentido/objetivo da existência de um roteiro para acolher na Afroteca. Sobre esse assunto a professora da rede municipal de ensino, Lucidalva da Silva Ferreira, integrante permanente do Projeto Kiriku traz uma abordagem reflexiva importante quando diz “pensamos em planejar com segurança nossas atividades para nossas crianças sempre numa perspectiva antirracista”. Chama atenção o fato de a equipe usar o termo “segurança”, pois não se trata apenas de uma questão física, mas das muitas camadas de violência que pessoas negras sofrem, educar com um olhar antirracista é pensar no quão insegura é a vivência de crianças negras e dedicar tempo para orientar elas e a sociedade a seguir caminhos mais seguros, físicos, emocionais, sentimentais e em outros diversos aspectos.

Leila Guimaraes nos traz também essa visão de segurança e bem-estar quando destaca que o roteiro visa atingir uma interação do “ouvir e desenvolver atividades de combate ao racismo escolar e estrutural em diversos contextos, principalmente nas instituições públicas de educação básica deste município”, pois não se pode educar uma criança que não esteja segura e confortável em seu local de estudos. Sarah Melém, atenta que o roteiro pretende atingir crianças para educá-las e quebrar barreiras que o racismo atribui a elementos da cultura africana e afro-brasileira, como por exemplo os instrumentos musicais. Outro ponto que Melém destaca é o fato de a cultura negra “em nossa sociedade, como os

⁶ Toró de ideias: uso este termo como correspondente a chuva de ideias ou brainstorming.

elementos trabalhados na Afroteca, são totalmente estereotipados e inferiorizados”. Estas falas são entrelaçadas pelo anseio de retirar do povo negro o alvo da insegurança que o racismo os colocou.

Qual sentido em se criar um roteiro? foi um questionamento que perdurou em diversas reuniões da equipe, tendo em vista que o ambiente da Afroteca é diferente, colorido e vibrante, onde podem acontecer muitas brincadeiras e momentos de descontração, mas não deixa de ser um espaço do educar, do aprender, do pesquisar. Luane Fóis, conta que a equipe pensou em uma forma de “quando as crianças, as famílias, as professoras, chegassem à Afroteca sentissem o que é a Afroteca e qual o seu objetivo”. Vejo então que o sentido do roteiro é atingir o objetivo para o qual a Afroteca foi criada, educar para as relações étnico-raciais, de maneira antirracista e afrocentrada.

As entrevistadas esclarecem sempre que cada passo do roteiro tem um sentido de ser, quando se apresenta as regras, por exemplo, de não poder entrar de calçado ou com comida, trata-se do zelo para com ambiente, que é coletivo e precisa ser cuidado para que outras pessoas possam também desfrutar. Quando se pede silêncio e atenção para ouvir a história, trata-se de respeito e educação. Logo, cada tópico abordado no roteiro é minuciosamente pensado para dar sentido ao espaço, fazendo com que cada visitante sinta o que é e qual o objetivo da Afroteca.

O roteiro segue parâmetros educacionais, pautado nas pesquisas que foram realizadas desde a concepção do Projeto Kiriku, juntamente com a comunidade escolar das CEMEIs, antes mesmo da existência da Afroteca. Pretende então, quebrar as barreiras impostas pelo racismo, tanto no ambiente escolar como em toda a sociedade, apresentando tanto objetos (instrumentos, bonecos, utensílios, jogos) como literatura, história e cultura, para contribuir com este conhecimento que constrói pontes e não barreiras. Visitar a Afroteca é fazer uma imersão, mesmo que inicial, ao universo que a educação pode proporcionar de conhecimento acerca da africanidade.

Quando escolho o uso do termo “sentido” para trabalhar o “objetivo” do roteiro penso nos caminhos aos quais o roteiro pode caminhar e ajudar com que os visitantes percorram em sua trajetória, mas penso de maneira pontual nos objetivos que a equipe pensou em atingir ao construir roteiros, seja para educação infantil, Ensino Fundamental ou Ensino Médio. Diversos caminhos podem ser traçados e muitas direções podem guiar a equipe para atingir os objetivos que se espera para cada agendamento. Nas falas das entrevistadas vemos que há uma tendência esperada para um futuro em que a educação afrocentrada quebre o ciclo

do racismo e seus estereótipos acerca do povo negro. Assim percebo que o sentido dos roteiros de acolhimento caminha ao encontro da construção de uma sociedade mais igual e sem racismo.

4.3 Variações

Por fim, percorrido o caminho inicial da construção do roteiro e seus objetivos, entendo que ele pode e deve ser mutável, flexível e variável. Para se adaptar aos diversos públicos e temas que se queira trabalhar demonstro por meio de dois acolhimentos como aconteceu a adaptação do roteiro.

Antes precisamos lembrar que a Afroteca trata de assuntos diversos, que podem variar desde saúde bucal, atravessando medos comuns a infância até mesmo questões sobre espiritualidade e não apenas temas relacionados a africanidade, visto que as crianças estão inseridas em um ambiente social diverso. O que difere este ensino dos demais é o fato de que toda e qualquer temática abordada dentro do espaço da Afroteca tem a como base educação afrocentrada em seus parâmetros, uma educação negro-afetiva. Essa variação nos temas se reflete na variação dos roteiros de acolhimento, como veremos.

Os roteiros podem tomar formatos diferente tanto no tema, acima citado, como também de acordo com o grupo que está realizando (equipe) ou visitando o espaço. É importante ressaltar que os roteiros são norteadores, não sendo receitas de bolos prontas e acabadas, afinal o educador que estiver conduzindo a prática/atividade na Afroteca pode a qualquer momento mudar, transformar, suprimir ou adaptar para a necessidade do grupo em questão.

Para demonstrar a variação se faz necessário dois exemplos de roteiros utilizados e aplicados pela equipe.

Roteiro “Cheirinho de Neném”, dia 27 de outubro de 2022, para crianças⁷, de 5 anos da CEMEI Paulo Freire.

1. Recepção na portaria – neste dia a equipe se dirigiu toda a portaria fazendo apenas este momento de recepção;
2. Explicar as regras para adentra a sala;

⁷ Este foi um dos primeiros roteiros trabalhado pela equipe;

3. Apresentação da equipe e dos visitantes – com as crianças sentados em círculo apresentar a equipe (mostrar domínio), uso de musicalização, em seguida explicar sobre a Afroteca;

4. Falar sobre quem foi Willivane Mello – fala breve mostrando a foto que se encontra na parede da Afroteca;

5. Orientação sobre o zelo com os materiais (colaboração dos professores);

6. Contação de história – Cheirinho de Neném, de Patrícia Santana;

7. Apresentação da Bucala e Kiriku (boneco e DVD);

8. Exploração livre;

9. Encerramento;

10. Despedida.

Imagem 11 – Equipe da Afroteca com visitantes da CEMEI Paulo Freire



Fonte: Acervo da Afroteca Willivane Mello

Leila Guimarães fala que “verificou-se a necessidade de realizar variações [do roteiro] devido ao público atendido ser bastante variado”, as mudanças se adequavam e sempre eram compartilhadas para avaliação. Neste acolhimento se percebe a ausência do ponto 3 do roteiro, pois a acolhida se deu com toda equipe na recepção do teatro. A apresentação pessoal se utilizou da musicalização, seguido da apresentação do nome de Willivane Mello como escolha para a Afroteca. Atualmente os roteiros suprimem a parte do zelo com o material dentro da sala, pois estas orientações são abordadas antes da entrada dos visitantes.

Algumas mudanças acerca da apresentação desta história aconteceram gradativamente, elementos são adicionados ou retirados. Quando “Cherinho de neném” é contado por Luane Fróis ela costuma usar do elemento sensorial, apresentando a eles cheiros aos quais tem seus signos associados a bebês.

Como já descrito a Afroteca não é composta apenas por livros, mas também por um acervo de jogos, brinquedos, bonecos e instrumentos musicais. Assim, estes outros elementos podem dar suporte ao Roteiro de Acolhimento pensado em função da literatura ou podem ser o objeto que desencadeara a temática a serem abordadas. As possibilidades não são limitantes.

A princípio a equipe pensou na literatura, como ponto de apoio, mas como dito as estratégias para aplicação dos roteiros podem ser criadas ou alteradas, fica em aberto o uso de outros componentes para a acolhida, de acordo com o assunto a ser desenvolvido, demonstrando que o uso da Afroteca está além da literatura, perpassando pela musicalização, história, matemática e outros. Sarah Melém ao ser abordada sobre essa variação do roteiro deixa claro que “o ponto de partida foi a literatura”. Friso a flexibilidade do roteiro e a entrevistada corrobora com esta ideia quando fala que o “roteiro está em construção até hoje”, isso significa que as mudanças que podem acontecer na educação e as novas descobertas científicas podem modificar a forma com que o roteiro é abordado.

Com o primeiro roteiro pronto e aplicado, verificou-se que o mesmo atende as necessidades para contação de diversas histórias que a equipe for trabalhar e fazer uso didático. No início os roteiros atendiam as crianças da primeira infância, pois é este o público para qual a Afroteca foi pensada, sendo ainda assim desde sua fundação, mas atualmente é utilizado por públicos de idades mais avançadas, como o caso alunos de graduação ao terem aulas de literatura africana na Afroteca. Hoje existe uma extensão para idades maiores dentro da Educação Básica, e neste momento é possível observar e assegurar que a fluidez do modelo de roteiro pensado pela equipe é eficaz para atingir o público de adolescentes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Observado o roteiro abaixo.

Roteiro “Afeto”, dia 16 de outubro de 2023, para adolescentes com idade entre 11 e 13 anos, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Rotary.

1. Recepção;
2. Explicação das regras de uso do espaço;
3. Apresentação – dinâmica da teia do afeto (para este momento foi necessário o uso de um novelo de barbante) a dinâmica começa com a primeira pessoa se apresentando e

falando uma palavra que para ela representa afeto, ao terminar segura a ponta e joga o barbante para outra pessoa de forma aleatória que se apresentara e falará uma palavra que represente afeto, este processo acontecerá até a última pessoa se apresentar. Quem estiver conduzindo a dinâmica reflete sobre como a teia é forte por estar entrelaçada em afeto e tem uma base sólida, por mais que pareça frágil é forte, assim como a teia de uma aranha parece frágil, mas serve para protegê-la e caçar. Essa reflexão é relacionada com o Adinkra da teia de Ananse que carrega consigo o simbolismo da força na fragilidade, da criatividade e outros aspectos;

4. Explicar sobre o Projeto Kiriku e a Afroteca e Willivane Mello – o fato de serem maiores foi possível, neste momento a equipe trabalhe também o termo “ancestralidade” ao dizer quem foi Willivane Mello e qual a sua importância para o trabalho no combate ao racismo na região de Santarém;

Haverá livros separados com temas relacionados ao afeto: Entremeio sem babado – de Patrícia Santana, A primeira boneca de Marcelina, A primeira trança de Marcelina, O primeiro livro de Marcelina, Coisas simples da vida – de Elaine Marcelina, Dona Brígida – de Sônia Rosa,

5. Momento leitura – em trio os alunos escolhem um dos livros para ler e conversar sobre o assunto – 10 minutos;

6. Momento de partilha – os trios contam para os demais acerca do seu livro, neste momento podem acontecer partilhas relacionadas a suas vivências em relação a forma com que a temática é abordada na literatura;

7. Cartas do afeto – uso de cartas da afro-infância, um elemento que compõe o acervo da Afroteca, cada aluno com posse de uma carta compartilha sua experiência, as cartas são espécies de comando, exemplo: “qual o seu cheiro preferido?”, “cante uma música que você gosta” “um lugar que gostaria de conhecer” entre outros, neste momento também acontecem partilhas de vivências ou relações com os livros;

8. Finalização – A árvore do Afeto, onde cada pessoa pode escrever em um papel o que deseja de afeto para si e para o outro, pendurar na árvore como fruto dela, para este momento foi preciso papéis cortados em alguns formatos, furados e amarrados a fios de barbantes que os estudantes colocaram na árvore;

9. Encerramento;

10. Despedida.

Este foi o primeiro roteiro adaptado para adolescentes, do qual pude fazer parte da criação e aplicação juntamente com Mailson Santos, Estudante do Ensino Médio da rede estadual, quilombola e bolsista na Afroteca. O entrevistei apenas para este ponto do trabalho – variação, pois ele esteve diretamente envolvido com a adaptação deste roteiro e deixou claro que na sua percepção “precisava conversar de jovem pra jovem”, considerando assim a linguagem o principal ponto para variação do roteiro em questão. E assim, o processo de flexibilização se deu após informações da professora, chegou-se à proposição do trabalho da literatura negro afetiva. O mesmo roteiro foi replicado algumas vezes com bastante participação e colaboração da professora e da turma.

Imagem 12 – Dinâmica de Apresentação “A teia de Ananse”



Fonte: Acervo pessoal Emela Moura

Imagem 13 – Dinâmica de Apresentação “A teia de Ananse” 2



Fonte: Acervo pessoal Emela Moura

Imagem 14 – Amor – Fruto da Arvore do Afeto



Fonte: Acervo pessoal Emela Moura

Imagem 15 – Carinho: Fruto da Arvore do afeto



Fonte: Acervo pessoal Emela Moura

Imagem 16 – Estudantes frutificando a Arvore do Afeto



Fonte: Acervo pessoal Emela Moura

Os dois modelos de roteiros de acolhimento apresentados demonstram a capacidade de flexibilidade do roteiro base pensado inicialmente pela equipe e demonstra como os profissionais que atendem no espaço precisam estar preparados para variados públicos.

Podemos descrever então dois tipos claros de variação, uma horizontal e uma vertical. O primeiro tipo é voltado para crianças onde o roteiro base sofre basicamente mudanças nas atividades lúdicas (pintura, desenho, brincadeira, música ou outros) que serão apresentadas a elas, permanece o roteiro com uma faixa etária ao público infantil, como o primeiro exemplo de roteiro, como no caso de “Cheirinho de neném”. O segundo tipo de variação, tem mudanças na forma de linguagem, na maior complexidade das atividades, abordando a importância da oralidade e busca uma maior autonomia do visitante fazendo com que ele tenha uma interpretação da leitura a partir das informações do tema adquiridas desde a dinâmica de apresentação, como no caso de “Afeto”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O roteiro é um dos instrumentos de trabalho dentro da Afroteca, demonstra o compromisso profissional e social com o planejamento em busca de atender a Lei 10639/03 e a Constituição Federal em seus objetivos. É preciso sempre lembrar das particularidades de cada Afroteca que for replicada neste país e que encontrará o seu formato de acolhimento, de acordo com as suas necessidades, assim como as CEMEIs tem feito dentro dos seus espaços. Estudar a função que os roteiros desempenham de forma positiva na Afroteca Willivane Mello ajudará a implementar de forma mais rápida e eficiente a acolhida em outros lugares.

A professora da rede municipal de ensino Lucidalva da Silva Ferreira, esclarece e confirma com base na dinâmica das Afrotecas dos CEMEIs que nestes espaços o “roteiro é elaborado de acordo com o plano de aula de cada professora”, atribuo isso a dinâmica social do ambiente escolar e suas necessidades. De tal modo, poderá acontecer com a implementação de novas Afrotecas.

Tendo em vista que a Afroteca Willivane Mello é uma tecnologia social nova, em plena adaptação aos anseios da sociedade e tendo sobre ela os muitos desafios para implementar um espaço com múltiplos estímulos que atenda o objetivo de acolher crianças com segurança e conforto para a educação das relações étnico-raciais, uma educação afro-afetiva e em consonância com a legislação brasileira no que tange a educação, este trabalho

tem como empenho entender, explicar e garantir o registro do conhecimento de como foi desenvolvida a metodologia para o acolhimento neste espaço, não há registros de outros ambientes com os moldes da Afroteca.

Sarah Melém afirmar que todo o processo de construção do primeiro Roteiro de Acolhimento se deu após muitas reuniões, conversas e pesquisas, pois ele não foi uma adaptação de algo já existente, mas sim um processo de composição exclusiva da equipe da Afroteca. Esta fala é potente visto que compõe um processo de construção coletiva e afrocentrada, sendo o espaço é fruto de um projeto de pesquisa, os roteiros refletem as necessidades de gerar soluções para problemas referentes ao racismo escolar encontrados durante o processo desta pesquisa e análise dos resultados.

Assim, este primeiro roteiro respondeu tanto a equipe do projeto quanto a comunidade acerca de qual formato de experiencia o visitante teria na Afroteca Willivane Mello, que além de um espaço de educação, ensino e pesquisa é também um espaço do brincar.

A importância deste trabalho reafirmar a necessidade de um planejamento e replanejamento a cada visita, construindo um compilado de novos caminhos para o acolher não somente na Afroteca, mas em todos os espaços que estão comprometidos com o educar para as relações étnico-raciais, caminhos estes que podem inspirar trabalhos ou mesmo atuarem como formato para atendimento em novas Afrotecas.

O papel da universidade para com a comunidade se mostra essencial, visto que a Afroteca Willivane Mello é para além da extensão. O que justifica a sua existência na universidade, mas é também um espaço de formação de novos profissionais – principalmente das áreas de licenciaturas – para uma atuação em consonância a com Lei 10639/03 e as demais instruções normativas da educação.

Neste ano de 2024 a Afroteca Willivane Mello tem construído e pensado novos formatos para o acolher, assim sugiro que novas pesquisas sobre a metodologia empregada na Afroteca seja estudada e replicada quando possível, bem como uma análise de resultados pós visitação, com alunos e professores que por meio do agendamento estiveram presente no local, para futuras comparações de como se deu o processo do aprendizado no ambiente.

Com isso, destaco a importância de desenvolver estratégias de ensino para as relações étnico-raciais que se originam de demandas das comunidades, como aconteceu organicamente com o Projeto Kiriku dentro das CEMEIs. É preciso trabalhar com foco em

resolver problemas reais para garantir uma qualidade na educação e responder casos de racismo dentro do ambiente escolar de maneira segura e confortável.

REFERÊNCIAS

ACOLHIMENTO, In: **DICIONÁRIO da língua portuguesa**. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/acolhimento>. Acesso em: 10. Dec. 2023];

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade como crítica do paradigma hegemônico ocidental: Introdução a uma ideia**. Ensaio Filosóficos, Rio de Janeiro, v.16, p. 6-18, dez. 2016;

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988;

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **ACOLHIMENTO NAS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO DE SAÚDE**. 2.^a edição. Série B - Textos Básicos de Saúde. Brasília - DF, 2006. Disponível em: <http://www.redehumanizaus.net/sites/default/files/acolhimento_praticas_saude_2ed_se_m_logo.pdf> Acesso em: 02 de novembro de 2023.

BRASIL. Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 06 set. 2023.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica**. Ministério da Educação. – Brasília: MEC, SEB, 2004.

BRASIL. **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. Governo Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Brasília: 1996;

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998;

DEUS, Zélia Amador de. **Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na Universidade**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal do Pará. Belém, 2008;

DIAS, Luciene de Oliveira. **Aquilombamento [Ebook]** – Dados eletrônicos (1 arquivo: PDF). - Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

EURICO, Márcia Campos. **Racismo na Infância**. São Paulo: Cortez, 2020

EVARISTO, Conceição. **Destaque Conceição Evaristo**. Revista Conexão Literatura, p. 7, nº 24, junho – 2017.

GOMES, Nilma Nilo; JESUS, Rodrigo Edinilson de. **As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa**. Curitiba: Educar em Revista, n. 47, p. 19-33, jan./mar. 2013. Editora UFPR.

NASCIMENTO, Elisa Lakin e GÁ, Luiz Carlos. Adinkra. **Sabedoria em símbolos Africanos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

OLIVERA, Fernanda Chamarelli de. **O MATRIARCADO E O LUGAR SOCIAL DA MULHER EM ÁFRICA: Uma abordagem afrocentrada a partir de intelectuais africanos**. Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. Volume 3, número 6, julho – dezembro de 2018.

PINHEIRO, Barbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. 2023, São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

RIBEIRO, Matilde. **Institucionalização das políticas de promoção da igualdade racial no Brasil: percursos e estratégias (1986-2010)**. Tese de doutorado. Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

ROSA, Sonia. **Dona Brígida**. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições. 2019.

ROSA, Sonia. **Literatura negro afetiva para crianças e jovens**. Revista África e Africanidades, Ano XIV, Ed. 39, Ago-Out de 2021, p. 6-22.

ROSA, Sonia. **Literatura negro afetiva para crianças e jovens**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/literatura-negro-afetiva-para-criancas-e-jovens/>. Acesso em: 12 agosto 2023.

Sankofa: significado e simbolismo. **SEGREDOS DO MUNDO**. 2004. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/sankofa-significado-simbolo/>. Acesso em: 01 abr. 2024.

SESC. BiblioSESC. [S.l.]: [s.n.], 2024. Disponível em: <https://www.sesc.com.br/unidades-moveis/bibliosesec/>. Acesso em: 10 maio. 2024.

SILVA, Giovani André Da et al. **Acolhimento psicológico & além das fronteiras no centro de convivência da pessoa idosa**. Anais VI CIEH. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/53116>>. Acesso em: 09/11/2023 15:38

SOUZA, B. O.; **Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro**. 2008. 204 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

VIEIRA, A.; SILVA, Alex Sander da. **Do movimento negro até a lei 10639/03: percursos de uma educação antirracista**. Revista Devir Educação, Lavras, vol.7, n.1, e-582, 2023.

ANEXO 01



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ

AFROLIQ

Grupo de Pesquisa em Literatura, História e Cultura Africana, Afro-brasileira, Afro-Amazônica e Quilombola do ICED/UFOPA

Projeto Kiriku: educação para as relações raciais e literatura infantil antirracista nos CEMEI do município de Santarém-PA.

Formação Continuada

CEMEI Paulo Freire

Data: 16/02/2024 – 16h

Tema: Roteiro de Acolhimento na Afroteca e Prêmio Educador e Educadora Antirracista

ATIVIDADE**ELABORE UM ROTEIRO DE ACOLHIMENTO PARA A AFROTECA AMORAS****I – IDENTIFICAÇÃO:**

Responsáveis: Pedagoga: Odavilma Calado Pompermaier / Professora: Márcia Claudete Mendonça Pereira

Turma/idade/turno: Maternal II – crianças de três anos – Integral (Manhã/Tarde)

Temática Geral: Brinquedos e Histórias de cantar e encantar: Funga Alafiá

Direito(s) de Aprendizagem e desenvolvimento: Os direitos de aprendizagem que podem ser desenvolvidos com a atividade: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se.

Campo(s) de Experiência(s): 1- O eu, o outro e o nós, 2- Corpo, gestos e movimentos, 3- Traços, sons, cores e formas.

Objetivo(s):

- Promover a consciência e a valorização da diversidade racial e étnica;
- Estimular a empatia e o respeito pelas diferenças;
- Criar um ambiente inclusivo e acolhedor por meio da música e do brincar.

Metodologia (resumo):

Disponibilizar os livros, instrumentos musicais, brinquedos e bonecos de forma visível e acessível para as crianças. Iniciar a atividade conversando com as crianças sobre a importância de

respeitar e valorizar as diferenças entre as pessoas, como cor da pele, cabelo, vestimenta e cultura. Explicar que nós vamos cantar músicas e ouvir histórias que celebram a diversidade. Convidar as crianças a cantarem junto conosco e a explorarem os ritmos africanos e movimentos das músicas. Concluir a atividade reforçando a importância de respeitar e valorizar a diversidade em todas as suas formas.

Materiais necessários:

- ✓ Brinquedos e bonecos de diferentes etnias.
- ✓ Livros infantis com histórias antirracistas.
- ✓ Músicas e instrumentos musicais que celebrem a diversidade.

II - ROTEIRO (Proposta Básica)

Acolhida da turma:

Receber as crianças com um sorriso caloroso e uma atitude receptiva. Fazer com que elas se sintam bem-vindas e valorizadas desde o momento em que entram no ambiente da Afroteca. Estabelecer regras simples e claras para o uso do espaço e dos materiais disponíveis, incentivando-as a serem responsáveis e colaborativas durante sua permanência no local.

Apresentação da Afroteca:

Realizar uma breve introdução à cultura afro-brasileira, explicando às crianças de forma simples e lúdica sobre a diversidade étnica e cultural do Brasil e a importância da cultura afrodescendente na formação da sociedade brasileira. Utilizar recursos visuais, como mapas, bandeiras e imagens, para ilustrar aspectos da história e da geografia dos países africanos e sua influência na cultura brasileira.

Atividade de **Leitura/escuta** (escolha um **livro** para um momento de contação):

Livro: “Bucala: a princesa do Quilombo do Cabula” de Davi Nunes. “Bucala” é uma história encantadora que aborda questões significativas como: representatividade, valorização da cultura afro-brasileira, combate ao preconceito e ampliação do conhecimento histórico.

Ampliando a leitura – estabeleça um **Diálogo** entre o livro e um outro material didático da Afroteca e apresente para as crianças (pode ser um **jogo, brinquedo ou instrumento musical**):

Instrumento musical: **TAMBOR**

Os tambores africanos têm o poder de contar histórias sem usar palavras. Cada batida, cada ritmo, nos transporta para lugares e momentos especiais. Assim como Bucala nos ensina sobre a importância de sermos quem somos, os tambores africanos nos conectam com as histórias e as tradições de um povo. Cada batida, cada som, é uma parte da nossa história. Assim como

Bucala, cada um de nós é único e especial. Vamos juntos continuar explorando as riquezas da nossa diversidade e celebrar quem somos! Nesse diálogo, "Bucala" e o tambor africano se conectam por meio da mensagem de valorização da identidade e da cultura. Ambos os elementos incentivam as crianças a se expressarem livremente, a explorarem suas próprias histórias e a celebrarem a diversidade em todas as suas formas.

Atividade **coletiva orientada** (uma **brincadeira**, por exemplo):

Baú da Diversidade: Reunir as crianças em um círculo e apresentar o "Baú da Diversidade". Explicar que dentro do baú, há muitos bonecos e bonecas, roupas e acessórios que representam pessoas de diferentes partes do mundo. Permitir às crianças que explorem o baú livremente, manuseando os brinquedos e objetos que mais chamem a sua atenção. Incentivá-las a observar as características dos bonecos e bonecas, como cores de pele, tipos de cabelo e vestimentas, e a reconhecer a diversidade representada.

Interação livre com os materiais da Afroteca:

Ao promover a interação livre com o acervo da afroteca, proporciono às crianças um espaço de descoberta, aprendizado e desenvolvimento integral. Essa abordagem centrada na criança valoriza a autonomia, a expressão criativa e o respeito à diversidade, contribuindo para o crescimento e o bem-estar de cada indivíduo. Cada criança é única e possui seu próprio ritmo de aprendizado e exploração, e cabe a nós como educadores e facilitadores apoiá-las em sua jornada de descoberta e crescimento.

Encerramento e Organização da Afroteca:

Ao envolver as crianças no processo de encerramento da visita à afroteca e na organização do espaço, estou proporcionando a elas uma oportunidade valiosa de aprender sobre responsabilidade, colaboração e valorização do patrimônio comum. Essa experiência colaborativa promove um senso de pertencimento e empoderamento, fortalecendo os laços entre as crianças e o ambiente da afroteca.

ANEXO 02



ROTEIRO DE ACOLHIMENTO NA AFROTECA LELÊ



Educando numa perspectiva afrocentrada e antirracista na primeira infância.

1- IDENTIFICAÇÃO:

CENTRO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL PROFESSORA MARIA RAIMUNDA PEREIRA DE SOUSA

COORDENADORA: Janice Diniz **PEDAGOGA:** Luciana Figueira **SECRETÁRIA:** Vanessa Xavier

PROFESSORA: Lucidalva da Silva Ferreira

SÉRIE: Maternal I

TURMA: B

TURNOS: Integral

HORÁRIO: 7h às 13h

DATA: _____

HORÁRIO: Após o lanche da manhã (8h30)

2- TEMÁTICA GERAL:

- Cabelo como identidade.

3- DIREITOS DE APRENDIZAGEM: Conviver, Brincar, Participar, Explorar, Expressar e Conhecer-se

4- CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS E OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

EI 02 EO 05 – Perceber que as pessoas têm características diferentes, respeitando essas diferenças.

EI 02 EF 03 – Vivenciar a contação de histórias, utilizando-se de livros.

EI 02 EO 03 – Brincar e interagir coletivamente com diferentes espaços, materiais, objetos e brinquedos.

5- ACOLHIDA DA TURMA:

- Para a acolhida de hoje iremos cantar a música: Menina do cabelo crespo (Marcelo Serravallo)
CABELO ENCARACOLADO
CABELO CRESPO E ARMADO
O SEU CABELO ENROLADO!

**MENINA DO CABELO CRESPO
ME DIGA COMO É QUE PODE
O SEU CABELO SER TÃO BELO
QUANDO VOCÊ ANDA ELE SACODE!**

**MENINA DO CABELO CRESPO
ME DIGA COMO É QUE PODE
O SEU CABELO SER TÃO BELO
QUANDO VOCÊ ANDA ELE SACODE!**

**CABELO ENCARACOLADO
CABELO CRESPO E ARMADO**

O SEU CABELO É TÃO LINDO ENROLADO!

1, 2, 3 CARACÓIS NO SE CABELO
 4, 5, 6 CACHINHOS NO SEU CABELO
 7, 8, 9 LACINHOS NO SEU CABELO
 MENINA DO CABELO CRESPO
 1, 2, 3 CARACÓIS NO SE CABELO
 4, 5, 6 CACHINHOS NO SEU CABELO
 7, 8, 9 LACINHOS NO SEU CABELO
 MENINA DO CABELO CRESPO

CABELO ENCARACOLADO
 CABELO CRESPO E ARMADO
 O SEU CABELO É TÃO LINDO ENROLADO!

Repete tudo de novo

6- APRESENTAÇÃO DA AFROTECA:

- Numa roda de conversa, falar com as crianças sobre a afroteca os cuidados que devemos ter com os brinquedos e livros;
- Mostrar também o nome de alguns personagens dos livros que estão pela parede da sala;

7- APLICAÇÃO – DESCRIÇÃO DA CONDUÇÃO DA ATIVIDADE DO DIA.

Contação de história

Livro: O cabelo de Lelê (autora: Valéria Belém)

Com os personagens do livro feitos em EVA, realizaremos a contação de história para as crianças sentadas no tatame;

Em seguida nossas crianças irão explorar os personagens do livro feitos em EVA e vão poder folhear o livro da Lelê;

8- ITERAÇÃO LIVRE:

- As crianças ficam à vontade para escolher interagir com os objetos educativos existentes na afroteca, no entanto a professora e a auxiliar da turma irão coordenar essa interação, com o objetivo de aprimorar ainda mais o conhecimento das crianças.

9- ENCERRAMENTO COM A ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO:

- Neste momento as crianças participam na organização do espaço.

10-AVALIAÇÃO:

- A avaliação será realizada individualmente ou em grupo, registrando no caderno da afroteca as observações feitas no decorrer das atividades.